

INSTITUTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA DE GOIÁS
BACHARELADO EM FILOSOFIA

PAULO AFONSO TAVARES

**A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES NA GENEALOGIA DE FRIEDRICH
WILHELM NIETZSCHE**

Goiânia
2021

PAULO AFONSO TAVARES

**A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES NA GENEALOGIA DE FRIEDRICH
WILHELM NIETZSCHE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás,
como requisito para a obtenção do título de
Bacharel em Filosofia.

Orientador: Mestrando Marcelo Gabriel de
Freitas Veloso

Goiânia
2021

**ATA DE AVALIAÇÃO
SERÁ DADA PELA SECRETARIA E INSERIDA AQUI**

Dedico este trabalho, carinhosamente, a quatro professores da área de Filosofia que contribuíram na minha formação acadêmica. Ao querido professor **Amarildo Fernandes Pessoa**, que em 2010, no primeiro semestre do curso de Jornalismo na PUC GOIÁS, ministrou a disciplina: Filosofia, Estética e Comunicação. Ao meu amado amigo **Padre Paulo César Nunes de Oliveira**, o querido PC, que em 2015, me obrigou a cursar a faculdade de Filosofia no Ifiteg, ato que demonstrou sua colossal sabedoria. Tal obrigação foi essencial para que apaixonasse pela Filosofia e melhorasse como acadêmico e ser humano. Ao amigo e professor **José Reinaldo Felipe Martins**. Quando a tempestade chegou à minha vida, ele estendeu a mão e como gosta de falar: “não sou bondoso, sou justo”. Obrigado por isso, foi edificante. Ao grande professor **Denis Borges Diniz**. Por último, mas não menos importante. Provavelmente o mais importante, visto que todo refinamento intelectual é engendrado através de grandes desafios. Num momento de infantilidade, para minha eterna vergonha, afirmei que se eu chegasse um dia realizar um dos meus grandes sonhos, que é lecionar, não queria ser como ele, pois o achava injusto em sua metodologia avaliativa. Grande engano, se um dia eu entrar na sala de aula, e chegar a ser 30% como o professor Denis, serei feliz e realizado. Graças a ele, aprendi a amar, ler e escrever sobre Nietzsche de forma mais objetiva, melhorando meu conhecimento em uma área de conhecimento tão elegante como a da Filosofia.

AGRADECIMENTOS

Pois no Senhor se encontra toda Graça e Copiosa Redenção

Sl. 129, 7

Com a conclusão desta etapa formativa e acadêmica, agradeço ao Pai eterno por todas as graças e bênçãos derramadas sobre a minha vida. Ele sempre me sustentou e amparou. Nesse percurso tive o auxílio e intercessão da Virgem Mãe do Belo Amor, a nossa Perpétuo Socorro e do meu pai Santo Afonso Maria de Ligório.

A Unidade de Goiás da Congregação do Santíssimo Redentor, na pessoa do atual provincial Padre André Ricardo de Melo por proporcionar parte desta formação acadêmica.

Ao grande amigo e prefeito de Trindade, Marden Júnior, e sua companheira Rouane Azevedo, por proporcionarem financeiramente a conclusão deste curso.

Aos meus então formadores, Padres Frederico Hozanan de Pádua, João Paulo Santos e Paulo Cézar Nunes de Oliveira. Gratidão por tudo o que fizeram por mim. Jamais esquecerei.

Ao meu orientador, professor mestrando Marcelo Gabriel de Freitas Veloso, pela sua disponibilidade, mesmo em período de férias, seus incentivos foram fundamentais para realizar e prosseguir este estudo. Saliento o apoio incondicional prestado, a forma interessada, extraordinária e pertinente como acompanhou a realização deste trabalho. As suas críticas construtivas, as discussões e reflexões foram fundamentais ao longo de todo o percurso. Não posso esquecer a sua grande contribuição para o meu crescimento como investigador em Friedrich Nietzsche. Eternamente grato por todo o apoio.

Agradeço a colaboração dos professores mestres Denis Borges Diniz e Ana Kelly Ferreira Souto. A simpatia, apoio e disponibilidade demonstrados na qualificação da monografia foram fundamentais para a sua concretização. Obrigado por tudo!

Ao meu amigo e professor doutorando em Filosofia na UFRJ, Pedro Paulo Rodrigues, o Piter Paul, por todo diálogo ao longo dos últimos anos em Friedrich

Nietzsche. As suas contribuições foram valiosas e me ajudaram muito a compreender esse filósofo alemão.

Aos professores do curso de Filosofia do Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás (Ifiteg), por todo conhecimento e aprendizado. Vocês não imaginam o bem que fizeram por mim.

Aos colaboradores do Ifiteg, Emanuelle Lima (isso não é um adeus. Terá que me aguentar muito ainda...hehehe), Daniel, Sirley Sena, Girleydy Costa e Mônica Patrícia Sousa (a inimiga que eu mais amo...hehehe), obrigado por tudo que fizeram por mim ao longo dos últimos anos. As amadas tias da limpeza, Claudilene Gomes Ribeiro e irmãzinha, amo demais vocês.

Aos meus colegas do curso de Filosofia, obrigado pela paciência e compreensão. Peço perdão por alguma falha. Se eu errei, foi tentando acertar.

Ao meu amigo e irmão Luiz Fernando Costa Ataíde, obrigado pela valorosa contribuição ao longo do trabalho. Você foi o meu co-orinetador. Valeu pela revisão dos manuscritos, juntamente com a professora Natalia Schillreff Oliveira. Minha eterna gratidão.

Ao meu amigo e patrão, presidente da Câmara Municipal de Trindade, vereador Wesley Cabeção, pelo apoio, compreensão e ajuda para escrever esse trabalho monográfico. A minha gratidão a todos os vereadores e servidores do meu local de trabalho, onde atualmente exerço a função de coordenador de comunicação.

Aos meus amigos que me apoiaram e incentivaram ao longo deste percurso: Lucas Margarida, Diogenes Raizer, Rildo Bento de Souza, Ítalo Alessandro Silva, Ítalo Ricardo, Oslan Ribeiro, Anderson Costa, Weverton Souza, Fr. Antoniel Braga, Felipe Digon, Fr. Eurípedes Júnior, Robson Borges, Leandro Henryque Neves, Hélio Lemes, Márcia Motta, Fátima Maria, Cristina Moraes, Ilma Socorro, entre tantos outros.

Aos meus amigos e irmãos da Missão Shalom de Goiânia, na pessoa do meu querido acompanhador Fernando França.

Ao meu amigo e diretor espiritual Padre Alcides de Lima Júnior por todo apoio e por estar sempre ao meu lado, principalmente nos mais tenebrosos. Obrigado por ter sido luz em minha vida.

Aos meus amigos do meu grupo de oração Cristo Rei e Maria Estrela Guia. Obrigado pela compreensão pela minha ausência em nosso grupo e gratidão por todas as orações. Foram elas que me deram forças para chegar até aqui.

Por fim a minha amada família. Ao meu pai Teotônio Tavares e minha mãe Ana Maria dos Santos Tavares. Vocês nunca mediram esforços para realizar meus sonhos e vontades. Tudo o que pedi vocês sempre fizeram o possível e o impossível para tornar real. Deram-me o seu melhor, me educaram e me ensinaram a nunca desistir dos meus sonhos. As minhas lindas irmãs Naiara, Iara, Inara, Heliara e Elionara. Aos meus cunhados, Sabino, Renato e Fábio. Aos meus sobrinhos e afilhados: Ana Clara, Gabriel Henrique, Rafaela e Sófia. Amo ter vocês em minha existência.

Obrigado Senhor Deus! “Pois eu tudo posso naquele que me fortalece” Fp. 4,13.

Dies impendere pro redemptis

"Por acaso a Igreja poderia ter necessidade de ciência? Não: a cruz e o Evangelho
lhe bastam. Mas nada que seja humano é alheio ao cristianismo. Como poderia a
Igreja se desinteressar na mais nobre das ocupações estritamente humanas: a
investigação da verdade?"

Padre Georges Lemaître
(Pai da teoria do Big Bang)

RESUMO

Os estudos de Nietzsche acerca da Genealogia da Moral se fazem importantes na Filosofia até os dias de hoje. Nesse sentido, a presente dissertação se propõe a definir Genealogia da Moral, e suas consequências para a filosofia nietzschiana; a figura do sacerdote ascético, possuidor poderes de manipulação através do ressentimento e da culpa, responsável pela consolidação da moral judaico-cristã pelo ocidente; busca entender a Transvaloração dos valores, e as alternativas do filósofo alemão para a desconstrução desses preceitos. Assim sendo, analisa as definições de moral nobre e moral escrava, os homens do ressentimento, sujeitos mansos e controláveis através da culpa. Assim, propõe-se análise genealógica das transformações dogmáticas, com foco na obra Genealogia da Moral. Neste estudo, o filósofo busca a origem da moral humana, bem como a criação dos conceitos de bom e mau e suas futuras derivações. Para isso, busca também elucidar o instinto humano que naturalmente nos impele a desejar a potência. Em suma, Nietzsche utiliza a história para compreender a moral e a reação humana perante a morte de Deus. Consequentemente, há a disseminação do niilismo na cultura ocidental, acometida pela falta de oposição contra uma doutrina que lhe envenena. O estudo nietzschiano da moral se questiona acerca da capacidade humana de desfrutar a vida sem um propósito divino ou pós-vida.

Palavras-chave: Genealogia da Moral. Sacerdote Ascético. Transvaloração dos Valores..

ABSTRACT

Nietzsche's studies on the Genealogy of Morals are important to Philosophy to this day. In this sense, this dissertation aims to define the Genealogy of Morals, and its consequences for Nietzsche's philosophy; the figure of the ascetic priest, possessing powers of manipulation through resentment and guilt, responsible for the consolidation of Judeo-Christian morality by the western hemisphere; seeks to understand the transvaluation of values, and the alternatives of the German philosopher to deconstruct these precepts. Therefore, it analyzes the definitions of noble morals and slave morals, men of resentment, meek and controllable subjects through guilt. Thus, a genealogical analysis of dogmatic transformations is proposed, focusing on the work *Genealogia da Moral*. In this study, the philosopher seeks the origin of human morality, as well as the creation of the concepts of good and bad and their future derivations. For this, he also seeks to elucidate the human instinct that naturally drives us to desire potency. In short, Nietzsche uses history to understand morality and human reaction to the death of God. Consequently, there is the spread of nihilism in Western culture, affected by the lack of opposition to a doctrine that poisons it. Nietzsche's study of morals questions the human capacity to enjoy life without a divine or afterlife purpose.

Keywords: Genealogy of Morals. Ascetic Priest. Transvaluation of Values.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 GENEALOGIA DA MORAL	14
1.1 SOBRE O BEM E O MAL	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
1.2 OS TIPOS DE MORAIS: O SENHOR E O ESCRAVO	22
1.3 MORAL ARISTOCRÁTICA, MORAL SACERDOTAL E REBELIÃO ESCRAVA NA MORAL.....	25
1.4 CULPA E MÁ CONSCIÊNCIA.....	28
2 O SACERDOTE ASCÉTICO.....	32
2.1 O DISSEMINADOR DO RESENTIMENTO.....	33
2.2 O SACERDOTE COMO GUIA	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.5
2.3 A MANIPULAÇÃO SACERDOTAL	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
2.4 OS MALES DO RESENTIMENTO.....	43
3 A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES NA GENEALOGIA DA MORAL ERROR!	BOOKMARK NOT DEFINED.
3.1 A TRANSVALORAÇÃO JUDAICO-CRISTÃ	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
3.2 OS CONTRAIDEAIS E A TRANSVALORAÇÃO FUTURA	49
3.3 AUTOSUPRESSÃO DA MORAL.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS.....	61

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi concebido com a finalidade de definir Genealogia da Moral, com foco nas consequências da moral sob a ótica da filosofia nietzschiana, investigando os motivos que transformam a obra do nosso autor em tópico de controvérsia até a atualidade.

Para isso, no primeiro capítulo, intitulado Genealogia da Moral, os conceitos de bem e mal são definidos, bem como sua evolução e transformação através dos anos. Ao segundo capítulo, o protagonista é o sacerdote ascético, dotado de impressionantes poderes de manipulação através da culpa, responsável pela consolidação da moral judaico-cristã pelo ocidente. Por fim, a última seção é baseada na Transvaloração desta moral, analisando as alternativas propostas pelo filósofo alemão para a superação destes valores na obra Genealogia da Moral, em suas três dissertações.

Os conceitos de moral escrava e nobre são profundamente analisados, bem como as descobertas axiológicas de Nietzsche ao investigar estes dogmas. Ocorre que a transvaloração dos valores morais é realizada pelos homens do ressentimento, fracos, doentes e mansos, estes indivíduos são movidos pela culpa e se opõe à vida material em prol de um plano superior, uma verdade divina.

Nesse ínterim, o sacerdote ascético se transforma no mais doente dos homens para que então possa liderar um rebanho de seguidores submissos na direção que bem entender, com fulcro no poder divino a ele concedido (em virtude da própria doença).

Consolidada a moral judaico-cristã pela cultura ocidental, Nietzsche percebe os valores contrários à vida apenas serão substituídos quando os mansos e cansados sujeitos europeus contemporâneos ao nosso filósofo fossem substituídos por homens possuidores de uma grande saúde.

O presente trabalho propõe uma investigação genealógica e filosófica da obra do autor alemão (bem como os estudos de alguns escritores nacionais acerca dos pensamentos nietzschianos), a fim de compreender as transformações nos paradigmas axiológicos observados na sociedade ocidental.

Ao analisar Genealogia da Moral, pode-se extrair que Nietzsche se dedica a tarefa de tornar seu texto mais acessível aos leitores, alertando aos sujeitos que

negligenciam as vivências reais em prol do conhecimento. Nesta obra, o filósofo busca a origem da moral humana, bem como a criação dos conceitos de bom e mau e suas subsequentes deturpações.

Dessa forma, propõe um estudo genealógico, isto é, atento às transformações históricas e de sentido, para elaborar uma profunda análise da moral humana. Para isso, busca entender as emoções relativas às determinadas doutrinas, e o instinto humano que naturalmente nos impele a desejar a potência. Ademais, aborda as relações entre diferentes civilizações, bem como os valores culturais, que entende como sintomas da saúde de um povo. O objetivo dos estudos nietzschianos é a desconstrução de valores culturais inadequados em prol de uma cultura que engrandece o homem e agrega valor.

Em outras palavras, o filósofo alemão faz uso da história para entender o comportamento humano, com foco em compreender as reações da cultura perante a morte de Deus. Assim, Nietzsche percebe a disseminação do niilismo na cultura ocidental, abatida pela falta de propósito, fraca e incapaz de reagir, opor-se ou rebelar-se contra uma doutrina que lhe envenena. O detalhado estudo anatômico da moral proposto pelo autor resulta no questionamento da capacidade humana de desfrutar a vida sem um propósito divino ou pós-vida.

O filósofo alemão mesmo descendendo de uma família de pastores luteranos, abandona os estudos teológicos pelos os de filologia clássica sob a influência de Ritschl. Ele nasceu em Röcken, Alemanha, em 15 de outubro de 1844. Quando cursava filologia clássica, o nosso pensador descobre Schopenhauer. Por recomendação de Ritschl é admitido como professor de Filologia na Universidade de Basileia, na Suíça, de 1869 a 1879, período que conheceu Richard Wagner e Jacob Burckhardt. Durante este mesmo período escreveu diversas obras, entre estas, O Nascimento da Tragédia, Considerações Extemporâneas, Humano, demasiado humano.

Foi também nesta mesma época que aconteceu o rompimento com Wagner e a filosofia de Schopenhauer. Após esses acontecimentos, publicou a última parte de Humano, demasiado humano: “O andarilho e sua obra”, Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais, Gaia ciência, Assim falava Zaratustra, Além do Bem e do Mal, Genealogia da Moral, O caso Wagner, entre outras.

Nietzsche Vindo faleceu no dia 25 de agosto de 1900 em Weimar diagnosticado como portador de paralisia progressiva supostamente causada por

sífilis antiga e não curada.

1 GENEALOGIA DA MORAL

No presente capítulo, nosso objetivo é esclarecer a importância e as consequências da moral na filosofia nietzschiana, em especial, a moral cristã. Os ataques do filósofo com relação ao cristianismo e sua moral são polêmicos e consequentemente, causam enorme repercussão ainda nos dias de hoje.

Mas antes de tudo precisamos compreender o que Nietzsche entende por genealogia da moral. Inicialmente, nosso filósofo utiliza o termo “genealogia” como ferramenta para criticar a ciência, a moral, a história e até mesmo a metafísica. Ao analisar a obra do autor alemão, Michel Foucault (2015), utiliza o instrumento no ensaio, “Nietzsche, a genealogia e a história” para analisar tópicos como o poder pastoral, sexualidade e aspectos psiquiátricos.

A genealogia consiste em um procedimento de análise que estuda a proveniência e emergência de determinado conceito, buscando compreender suas origens, transformações e desconstruções. Afirma Foucault (2015, p. 56), que o método “se opõe à pesquisa da ‘origem’”, é uma pesquisa sobre emergência (*Entstehung, émergence*) e a procedência (*Herkunft, provenance*), em oposição à pesquisa da origem (*Ursprung, origine*), da mesma forma que efetivaram os metafísicos.

Nietzsche incorpora o termo genealogia, que originalmente exprime o estudo das origens, genitores e antepassados. No entanto, refina o conceito ao utilizá-lo para analisar as condições que dão origem a determinados objetos. Assim, nosso filósofo observa os eventos com a proveniência e emergência da moral para elaborar teorias acerca das origens da moral e seus motivos, bem como suas consequências à vida do sujeito. A genealogia permite que Nietzsche observe o processo de formação da moral, seus motivos e a contribuição das morais no desenvolvimento humano. Assim, é possível observar que Nietzsche descreve a construção de diferentes morais responsáveis por múltiplos aspectos da formação humana.

Para Nietzsche, a genealogia é intrínseca à transvaloração de todos os valores. O filósofo alemão quer dissertar sobre a moral que “realmente houve, que realmente se viveu”. Conforme ele, “o objetivo é percorrer a imensa, longínqua e recôndita região da moral – da moral que realmente houve, que realmente se viveu – com novas perguntas, com novos olhos: isto não significa praticamente descobrir essa região?...” (NIETZSCHE, 2018, p. 12). Surge uma nova exigência filosófica:

[...] necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão — para isto é necessário um conhecimento das condições e circunstâncias nas quais nasceram, sob as quais se desenvolveram e se modificaram (moral como consequência, como sintoma, máscara, tartufice, doença, mal-entendido; mas também moral como causa, medicamento, estimulante, inibição, veneno), um conhecimento tal como até hoje nunca existiu nem foi desejado (NIETZSCHE, 2018, p. 12).

Destarte, por meio da genealogia e com apoio da psicologia, Nietzsche remonta a história da moral, e conclui que foi através do ressentimento que a moral ocidental se consolidou. O homem ressentido é um sujeito doente, culpado e sofredor, suscetível à manipulação do sacerdote ascético.

Apesar do entendimento demonstrado por Foucault ao analisar o pensamento nietzschiano, o filósofo alemão aparenta objetivar entender a origem dos preconceitos. Em virtude disso, faz uso da genealogia para compreender o valor de alguns aspectos como abnegação, renúncia e altruísmo através do estudo da moral.

Evidentemente, a genealogia da moral não se resume a compreensão de fenômenos ou consequências de ordem morais, e sim a total desconstrução dos paradigmas que constituem a filosofia ocidental. Ademais, desmonta a ilusão da naturalidade do mundo moral, visto que percebe valores conflitantes, bem como um embate entre duas morais divergentes.

Da análise da emergência da doutrina cristã e seus valores morais, Nietzsche percebe que a moralidade contemporânea deriva de aspectos religiosos, da culpa e ressentimento inoculadas pelo sacerdote ascético, que convence o indivíduo que todo homem é pecador e consequentemente merecedor de punição. Dessa forma, nosso filósofo percebe a moral moderna como uma repaginação dos ideais ascéticos, baseados na abnegação da vida e da potência. Os princípios originados nesse processo são sujeitos à autodepreciação, através da transvaloração do ressentimento.

A filosofia moral de Nietzsche passa sob escrutínio perspectivas clássicas e dominantes, atuando, como ele mesmo afirmava, na forma de uma dinamite ou metralhadora giratória. O filósofo alemão, diferentemente de Platão, rejeita a ideia perfeita de bem moral presente no mundo das formas. Também não existe, uma moral a ser criada a partir da existência de mundos supraterrrestres, como pregam as grandes religiões (NIETZSCHE, 2018).

Nietzsche propõe como objetivo, através de seus conceitos filosóficos, o resgate do homem para a terra e para junto de si mesmo, que é a vida imanente. O homem precisa valorizar sua existência real, aqui na terra. Para Nietzsche, os verdadeiros pecadores são os que pecam contra o nome da terra. Eles são degenerados e envenenadores da vida:

Eu vos imploro, irmãos, permaneçei fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não. São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam, então! (NIETZSCHE, 2017, p. 14).

Segundo o filósofo alemão, o homem está entregue a ele mesmo e à sua trágica condição finita. Ter consciência de sua própria finitude e agir de forma a aproveitá-la ao máximo, usufruindo e aproveitando toda potencialidade possível, sem negá-la em prol de outra suposta vida no além, é a proposta basilar da filosofia Nietzscheana.

1.1 SOBRE O BEM E O MAL

O filósofo alemão preocupa-se com o futuro e para qual legado que a moral deixará para o homem. Uma vez que para Nietzsche a moral é importante por ser parte do homem, porém, a mesma não deixa clara o modo de sua “construção”, a qual omitia a forma que o processo aconteceu.

Mas sim, com a necessidade com que uma árvore tem seus frutos, nascem em nós nossas ideias, nossos valores, nossos sins e não e ses e quês – todos relacionados e relativos uns aos outros, e testemunhas de uma vontade, uma saúde, um terreno, um sol. – Se vocês gostarão desses nossos frutos? - Mas que importa isso às árvores! Que importa isso a nós, filósofos!... (NIETZSCHE, 2018, p.8).

O que está por trás da origem de “nosso bem e nosso mal” (NIETZSCHE, 2018, p. 9)? Como determinar essa origem? Qual valor ou valores estão envolvidos nos próprios valores – “o valor da moral”? O objetivo da Genealogia da Moral de Nietzsche é responder essas perguntas e ainda denunciar a forma que a moral vigente passa a “contaminar” os homens com o mal do niilismo.

Para Nietzsche (2018), a visão do homem está cansada, justamente por ele estar fatigado de si mesmo. O cansaço aqui, apresentado pelo autor, representa o

esgotamento do homem perante a dificuldade de conceber a superação do estado doentio em que ele se encontra. O niilismo não é um problema que se restringe a fatores culturais, mas também ao estado fisiológico daqueles que o amarguram em seu âmago. Os valores cristãos e a metafísica tradicional adoeceram o homem de tal modo que ele não consegue mais reagir de forma eficaz, causando a angustiante sensação de definhamento em uma prisão invisível.

O niilismo tradicional significa a desvalorização de todos os valores, o horizonte desaparecido, o esvaziamento do sentido da existência e de todos os seus guias. A modernidade - fator determinante que atuou fortemente no advento do niilismo - ao ser analisada por Nietzsche, demonstra-se equivalente ao pior dos quadros de horrores, que precisa ser problematizado.

Nietzsche nos esclarece sua concepção de niilismo ao afirmar, em *A vontade de poder* (2008): Que significa niilismo? – Que os valores supremos se desvalorizam. Falta o fim; falta a resposta ao “Por quê?” (NIETZSCHE, 2008, p. 29). Para um melhor esclarecimento do termo, Oswaldo Giacobino (2001) nos mostra que:

Nilismo significa, pois, a experiência da perda de sentido e de valor por parte de nossos supremos valores. Como tais valores são aqueles que dão coesão e organicidade a uma cultura, o niilismo sinaliza um período de declínio de uma força ou unidade cultural, isto é, é um sintoma de decadência de uma cultura. (GIACOBINO, 2001, p. 75).

Nietzsche condena a negação do homem a aspectos seus, como os instintos e sentimentos. Para ele, o homem ao fazer isso, nega a própria vida. O modelo de moralidade que busca essa “humanização” e “racionalidade” retira do homem ser mais inteiro e afirmativo. O filósofo acredita que no “veneno” também pode ser encontrada a “cura”. Ele elabora a sua crítica para romper com o movimento moral. Pois até então essa questão não era analisada pelo prisma de uma problemática.

Tomava-se o valor desses “valores” como algo dado, como efetivo, como além de qualquer questionamento; até hoje não houve dúvida ou hesitação em atribuir ao “bom” valor mais elevado que ao “mau”, mais elevado no sentido da promoção, utilidade, influência fecunda para o homem (não esquecendo o futuro do homem). E se o contrário fosse a verdade? E se no “bom” houvesse um sintoma regressivo, como um perigo, uma sedução, um veneno, um narcótico, mediante o qual o presente vivesse como às expensas do futuro? Talvez de maneira mais cômoda, menos perigosa, mas também num estilo menor, mais baixo?... De modo que precisamente a moral seria culpada de que jamais se alcançasse o supremo brilho e

potência do tipo homem? De modo que precisamente a moral seria o perigo entre os perigos?... (NIETZSCHE, 2018, p. 12).

Na primeira dissertação da Genealogia da Moral, Nietzsche realiza a interpretação de dois valores, “bom e mau” e “bom e ruim”. Para o nosso filósofo é possível ver na história o “bom” fora das ações, mas aqueles que agiam – os nobres. A figura do nobre aparece como a indicação de que houve na história distorções para o estabelecimento de valores. A nobreza que classificava o que era bom ou ruim, ela o fazia, por causa da sua altivez e grandeza de caráter.

O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem, “isto é, isto”, marca cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas (NIETZSCHE, 2018, p. 17).

O nobre é possuidor de valor, pela sua postura e modo de agir, os demais indivíduos eram rechaçados e considerados como ruins ou maus. É na nobreza que encontramos os “verazes”. São os “verazes”, ou seja, os nobres que vão determinar o que é ou não a verdade. Eles criam verdades. Os nobres são contrários aos ensinamentos da metafísica cristã. Não há divisão de mundos na nobreza, como, sensível e inteligível, mas o mundo feito “por” e “para” esses sujeitos tão raros – os bons.

A realeza é manifestada apenas em alguns, os demais possuem um comportamento menor, em relação aos nobres. Eles são os “mau” ou “ruim”, o tipo escravo. O modo de vida do escravo é apequenado, eles não podem criar ou fazer qualquer tipo de afirmação. Eles estão atrelados aos senhores pelo temor e também pela covardia de não conseguirem reconhecer-se maiores. Essa relação que os escravos encontram os colocam num ressentimento profundo e que originará a moral de escravos (NIETZSCHE, 2018).

Precisamente o oposto do que sucede com o nobre, que primeiro e espontaneamente, de dentro de si, concebe a noção básica de “bom”, e a partir dela cria para si uma representação de “ruim”. Este “ruim” de origem nobre e aquele “mau” que vem do caldeirão do ódio insatisfeito – o primeiro uma criação posterior, secundária, cor complementar; o segundo, o original, o começo, o autêntico feito na concepção de uma moral escrava – como são diferentes as palavras “mau” e “ruim”, ambas aparentemente opostas ao mesmo sentido de “bom”: perguntemo-nos quem é propriamente “mau”, no sentido da moral do ressentimento. A resposta, com todo o rigor: precisamente o “bom” da outra moral, o nobre, o poderoso, o dominador,

apenas pintado de outra cor, interpretado e visto de outro modo pelo olho de veneno do ressentimento. (NIETZSCHE, 2018, p. 28-29).

O ressentimento escravo provoca um desequilíbrio que possibilitará os escravos manipularem os valores de “bom” e “mau”, para afirmarem entre eles que são “vítimas” dentro de um sistema que são excluídos não por serem “fortes”, mas por terem sido molestados. Os escravos não se consideram “fracos”, mas como animais “dóceis”, e por essa docilidade eles sofrem nas mãos de animais mais cruéis, como “ovelhas” entre “aves de rapina” (NIETZSCHE, 2018).

Neste contexto, inicia a inversão de valores. As “ovelhas” passam a julgar as “aves de rapina”. Os escravos tomaram para si os valores com os quais farão o seu julgamento, com isso, há uma apropriação e desfiguração de valores, conforme as suas necessidades. Assim sendo, afirma Safranski (2005):

Os desprivilegiados pela vida só poderiam se proteger da superioridade dos fortes primeiro reunindo-se em bando, segundo, mudando os valores, portanto definindo as virtudes dos fortes como implacabilidade, altivez, audácia, prazer em esbanjar, ócio etc. como defeitos, e inversamente declarando as consequências habituais de suas próprias fraquezas como humildade, compaixão, aplicação e obediência como virtudes [...]. O estabelecimento de sua moral é a vingança imaginária, que tem sucesso quando os fortes não podem julgar a si mesmos senão da perspectiva dos fracos. Os fortes são vencidos quando deixam envolver pelo mundo imaginário da moral do ressentimento. Na moral luta-se pelo poder da definição: quem se deixa julgar por quem. (SAFRANSKI, 2005, p. 276).

Os escravos foram “tiranizados” pela força das mãos dos nobres, eles não os reconhecem como parte do mesmo grupo. Qual a tática que os escravos utilizaram para que os nobres se submetessem a eles? Só a mudança de valores não será suficiente para alcançar esse objetivo. O “bom” e o “bem”, não poderia surgir do homem, independente de qual seja o seu grupo.

O “bom” deveria estar fora do homem e ser uma recompensa para aqueles que possuírem uma conduta, como a dos “pregadores”. Esse novo modelo de homem proposto pelos escravos aprisionará a força dentro de si. Para que esse modelo seja seguido por todos, principalmente pelos nobres, os escravos utilizaram de um mecanismo de formação da “consciência” e de uma “responsabilidade” e também de uma “culpabilidade”.

A partir daí o homem não extrairá mais de si a força, mas sim do “divino”, do “medo” e do “dever”. Para chegar a essa finalidade será exercida a coação, como

ferramenta de “hominizar” o homem para essa nova realidade. As características antes valorizadas, como bravura, força e poder serão mitigadas a um plano menor, o do instinto. Se essas características não podem ser esquecidas, ao menos serão controladas.

Impor-se uma constância, até uma previsibilidade, moderar os afetos e modelá-los, tramar uma rede de rituais e modos de comportamento, dar consciência moral ao impulso e permitir que o desejo se refrate na comunicação – como tudo isso surgiu durante milênios e o que aconteceu, pouco sabemos a respeito, está mergulhado na penumbra da pré-história.[...] Como aconteceu que o ser humano se tornasse essa ferida dolorosa, que nele uma coisa viva e outra pense, que haja nele tendências contraditas pela consciência, algo que comanda e algo que obedece? (SAFRANSKI, 2005, p. 276).

Os homens em nome de um “bem” comum passaram a limitar o comportamento humano ao que “deve” ser. O homem perde a vontade própria e que agora deve seguir as vontades da comunidade e a “divina”. O homem é castigado quando abre mão da vontade própria em detrimento da vontade da comunidade. Ele é castigado indiretamente quando abre mão da expressão individual e o seu corpo torna o seu próprio cárcere, e que ele perde o direito de conhecer.

Sob as vestes da cultura e da moralidade, ainda vive aquele animal em seu estado anterior à domesticação, e uma segunda tarefa da naturalização da moral é desmascarar o discurso moral, apontando o que ainda jaz no homem em sua natureza plena, desvendando o “terrível texto original (*schecklicher Grundtext*) homo natura” (ITAPARICA, 2002, p.36).

Antes do período da concepção moral, a comunidade moldava a si própria, para depois cobrar dos seus membros a dívida adquirida com aqueles que possibilitaram a sua formação. Há aqui, o que Nietzsche chama por “eticidade do costume”, não há ainda o questionamento sobre os costumes, apenas, a anuência dos mesmos. Conforme Azeredo (2008), Nietzsche compreende como eticidade do costume, a capacidade que o homem possui de obedecer a leis e a tradição é o referencial regulador.

O movimento da cultura é denominado por Nietzsche “Eticidade do costume” (*Sittlichkeit der Sitte*), cuja ação precípua está determinada pelo adestramento, pelo ato de impor a obediência aos próprios costumes enquanto ato fundador da civilidade do homem (AZEREDO, 2008, p. 247).

Os nobres surgem no período intermediário entre o aparecimento da concepção moral e um período anterior a isso. Nesse momento existe uma valorização de características que sofrerão desfigurações com a moral dos escravos.

Para o genealogista da moral, nos moldes de Nietzsche, entretanto, ela se revela apenas como uma espécie de moral humana entre inúmeras outras possíveis, ou que deveriam sê-lo. [...] por sua vez, compete à vertente crítica e corrosiva da genealogia descortinar o horizonte axiológico no interior do qual outras modalidades de moral humana deveriam ser possíveis. Isso se torna possível pela desconstituição da solidez pretensamente granítica dessa moral, levada a efeito pela crítica genealógica, que existe tanto sua incontornável relatividade quanto a chaga oculta de sua autocontradição: sua inexorável imoralidade (GIACÓIA, 2008, p.193).

O objetivo de Nietzsche ao partir da história para a moralidade é justamente é encontrar nas relações e nas suas consequências a origem de “como” nos “tornamos” seres morais. Ele não parte de um princípio dado como moral, não existe assim uma vinculação com fatores incondicionais ou absolutos (NIETZSCHE, 2019).

O “bom” e o “mau” passam de determinantes para determinados por um contexto complexo com uma gama de signos específicos representando indiretamente o poder de “vontades” mais do que valores. O nosso autor na obra, “Além do bem e do mal”, evidencia as tramas da constituição da moral e mostra o problema da moral como emergindo “somente na comparação com *muitas* morais” (NIETZSCHE, 2019, p. 75 – grifo do autor), ou também como “muitas vontades”.

Todas essas morais que se dirigem à pessoa individual, para promover sua “felicidade”, como diz – que são elas, senão propostas de conduta, conforme grau de periculosidade em que a pessoa vive consigo mesma; receitas contra suas paixões, suas inclinações boas e más, enquanto têm a vontade de poder e querem desempenhar papel de senhor [...] (NIETZSCHE, 2019, p. 84).

O que a moral propõe não é uma tipologia ou uma divisão de papéis, mas sim, uma equiparação e igualdade entre os indivíduos. A crueldade, a força e o egoísmo daqueles que por sua altivez mereciam ser exaltados são agora condenados pela moral difundida e gerada da moral dos escravos. Um exemplo é a moral cristã, que prega a mansidão de seu rebanho.

Mesmo que ainda os valores, como os de força e poder fossem banidos, os mesmos eram exercidos de forma constante pela moral dos “mais fracos”. A forma cruel que foi imposta o medo pelas leis divinas e humanas não era menor daquela

utilizada pelos senhores na manutenção de suas vontades. A moral cristã, com seus valores restritivos, priva o homem de “suas possibilidades” e dita o que ele deve ou não fazer e como ele tem que olhar o mundo a sua volta.

Quando se trata de investigar no que consistem os valores morais, torna-se possível traçar uma dupla história de bem e mal: em primeiro lugar, “na alma das raças e classes dominantes” e, em segundo, “na alma dos oprimidos, dos impotentes (Humano, demasiado humano § 45). Da perspectiva do cordeiro, mau é quem causa temor e bom deve ser aquele de quem não há nada a temer; numa palavra, mau é o forte e bom o fraco. E da perspectiva da ave de rapina, bom quem quer lutar e ruim quem não é digno de participar dela; numa palavra, bom é o forte e ruim é o fraco (MARTON, 2006, p. 45).

A luta entre “bom” e “mau” ou “bem” e “mal”, essa última na perspectiva dos senhores, não sairão vitoriosos, mas sim, aqueles que queriam ser “senhores”. Mesmo com o avanço da moral dos escravos e sua consolidação como moral comum, porém faltava algo a mais, tornar-se superior aos senhores. Essa foi a missão dos indivíduos “maus” na busca para se tornarem “bons”.

1.2 OS TIPOS MORAIS: O SENHOR E O ESCRAVO

A criação de moral é algo comum em todas as sociedades humanas. A moral nasce da necessidade de conservação da própria vida humana, e é um fator necessário para a vida social. Pois sem a moral não existe possibilidades de convívio em sociedade. O nosso filósofo entende moral como um conjunto de forças distintas que manifestam por meio de relações maniqueístas, sendo que “no sentido mais genérico”, afirma Tongeren (2012, p. 50), “uma moral apresenta a totalidade de valorações contextuais que, em último caso, sempre coexistem em uma relação de antagonismo entre si”. Para Nietzsche, entre as muitas morais existentes, revelam-se dois tipos básicos de moral, que denomina: “a moral dos senhores e a moral de escravo” (NIETZSCHE, 2019, p. 155).

Há uma moral dos senhores e uma moral dos escravos; acrescento de imediato que em todas as culturas superiores e mais misturadas aparecem também tentativas de mediação entre as duas morais, e, com ainda maior frequência, confusão das mesmas e mesmo incompreensão mútua, por vezes inclusive dura coexistência – até mesmo num homem, no interior de uma só alma. (NIETZSCHE, 2019, p. 155).

No capítulo, “O que é nobre”, da obra *Além do bem e do mal*, Nietzsche diferencia os dois tipos básicos de moral. Ele afirma, “toda elevação do tipo homem foi, até o momento, obra de uma sociedade aristocrática” (NIETZSCHE, 2019, p. 153). Assim, o aristocratismo é a grande ferramenta do filósofo alemão para comparar as morais existentes. É a chave para compreender as distinções entre os tipos de homens. O processo de diferenciação, distanciamento e as caracterizações que separam os bons dos ruins acontecem na sociedade aristocrática.

Sem o *pathos* da distância, tal como nasce da entranhada diferença entre as classes, do constante olhar altivo da casta dominante sobre os súditos e instrumentos, e do seu igualmente constante exercício em obedecer e comandar, manter abaixo e ao longe, não poderia nascer aquele outro *pathos* ainda mais misterioso, o desejo de sempre aumentar a distância no interior da própria alma, a elaboração de estados sempre mais elevados, mais raros, remotos, amplos, abrangentes, em suma, a elevação do tipo “homem” (NIETZSCHE, 2019, p. 153).

Existe um abismo entre os que se consideram bons e os que são classificados por eles de ruins e o *pathos* de distância é a ferramenta que Nietzsche oferece aos seus leitores para fazerem esse reconhecimento entre os bons e os ruins conforme as determinações da sociedade aristocrática. O filósofo destaca que nessa classificação os nobres eram tidos como os bárbaros, guerreiros fortes que se sobrepuseram pela força às camadas mais frágeis, compostas por “raças mais fracas, mais polidas, mais pacíficas, raças comerciantes ou pastoras” (NIETZSCHE, 2019, p. 153).

Os nobres não só criavam, eles faziam mais do que isso, determinavam o que era ou não bom, a partir do olhar para si mesmos e “quando os dominantes determinam o conceito de “bom”, são os estados de alma elevados e orgulhosos que são considerados distintivos e determinantes da hierarquia” (NIETZSCHE, 2019, p. 156).

O nobre ao tomar a si mesmo como referencial para determinar o que é bom, ele demonstra o orgulho que sente de sua pessoa. Ao diferenciar o que é bom (ele próprio) e o que é ruim (o seu oposto), o senhor delimita a distância existente entre os indivíduos forte e o fraco. Ao fazer essa distinção, o nobre demonstra o orgulho que sente de “não ser feito para a compaixão” (NIETZSCHE, 2019, p. 157).

A moral dos senhores tem como peculiaridade a demarcação da vigência do seu respectivo dever, pois para com os inferiores não há deveres: [...]

somente para com seu igual se tem deveres; de que, para com seres de categoria inferior, para com tudo que é alheio, se pode agir ao bel-prazer ou como o coração quiser' e um respeito pela idade, pela tradição. "A profunda veneração pela idade e pela tradição — o direito inteiro está contido nessa veneração —, a crença e o preconceito em favor dos antepassados e em desfavor dos vindouros são típicos da moral dos poderosos" (ABM §26) (AZEREDO, 2008, p. 249).

Os nobres sentem-se superiores, chegando ao ponto de utilizarem a si mesmos como referencial para determinar valores superiores. Já os escravos utilizam da igualdade, como força no movimento de suas ações, mostrando sua fraqueza em relação ao outro, ao diferente de si. O senhor possui desprezo pelo escravo pelo abismo intransponível que existem entre eles. O senhor não tem dúvidas que algum dia o escravo consiga se igualar a ele. Já o escravo possui um olhar de desconfiança em relação ao nobre, ele percebe de modo pejorativo, o poder e a vontade dos poderosos. O escravo possui rancor e ressentimento em relação ao senhor.

Como os membros da moral dos escravos não conseguem expandir sua força, vitalidade e vontade de potência, eles passam a odiar os da moral dos fortes, criando ferramentas e maneiras de sabotá-los. Além de odiarem os fortes e se desprezarem, acabam absorvendo bastante ressentimento e culpa. A esse respeito, Giovanni Reale e Dário Antiseri (2006) afirmam:

O conceito de ressentimento, na reflexão moral, encontra-se na Genealogia da moral. Para Nietzsche o ressentimento está na base da moral dos escravos, isto é, dos fracos e malsucedidos impotentes que traduzem - travestem - em "ideias morais" seu ódio contra tudo aquilo que é alegria, beleza, força, saúde, contra aquilo que não são que não têm. A moral dos ressentidos configura-se como um instrumento de domínio dos fracos sobre os fortes; é vontade de aniquilação da moral dos senhores, isto é, da moral cujos valores são a força, a alegria, a saúde. A moral cristã, para Nietzsche, é a típica moral dos escravos: humildade, piedade, compaixão, são valores antivitais, prédicas de quem, não podendo dar maus exemplos, dá bons conselhos. É do ódio dos malsucedidos que surge sua moral, a moral dos escravos, isto é, dos ressentidos (REALE; ANTISERI 2006, p 11).

A moral de escravos está baseada na utilidade e diferencia os indivíduos. Os escravos foram os precursores da moral de rebanho, pois eles tentam suprimir a diferença, ação necessária para manutenção do vulgar e do popular. O medo é o centro da moral escrava e da mesma forma, é também da moral de rebanho. Pois nos dois casos há o temor pela diferença. Os escravos ficam assustados pela

existência de tipos que se diferenciam deles e por esse motivo eles criam uma moral para defender a coletividade do rebanho. Essa generalização é a reação pelo medo que sentem pelo diferente e pelo estranho a eles. É uma moral de reação e de autodefesa. O bom é o que favorece a coletividade e o mau é o que privilegia a individualidade e ameaça o grupo.

1.3 MORAL ARISTOCRÁTICA, MORAL SACERDOTAL E REBELIÃO ESCRAVA NA MORAL

As morais aristocrática e sacerdotal são oriundas da mesma classe dominante. O que as diferenciam uma da outra são as bases em princípios opostos. Ambas travam uma luta em prol da primazia na sociedade.

Especificamente, a moral sacerdotal mesmo derivada da aristocracia guerreira desenvolve-se de maneira oposta da moral aristocrática. Essa última desenvolve-se o corpo, o instinto da guerra, da aventura e da saúde. Já a moral sacerdotal prega a negação e com isso a decadência.

Nietzsche em sua investigação mostra que a casta sacerdotal é composta pelos fracos com missão de transformar a moral aristocrática. Eles estão cheios de ódio em relação ao nobre, transmutam a moral dos senhores em moral de escravos. As críticas do nosso filósofo são para o conjunto de valores e princípios da moral sacerdotal, que objetivavam a eliminação dos senhores e sua moral. O homem ao acatar a moral sacerdotal se torna decadente.

Conforme Nietzsche, o princípio da aristocracia guerreira era a força e a da sacerdotal era a impotência. Ele para explicar melhor esse contexto, o faz por meio das sociedades romana e judia. O filósofo considera os judeus como o povo sacerdotal por excelência. Em Roma, o valor é centralizado no desempenho das forças que conferem supremacia. Como em todo modo de valoração nobre, a autoglorificação é o movente da ação. É essa vontade de potência¹, em seu caráter nobre, que estabelece o valor. Já os judeus são considerados por Nietzsche como representantes e propagadores da doença (NIETZSCHE, 2018).

¹ Por vontade de potência, podemos entender, de acordo com João Evangelista Melo Neto (2017): “como uma espécie anseio constante por domínio e poder. Um impulso cego que deseja, a todo o momento, se exercer de forma impositiva numa luta por mais potência e de dominação sobre o alheio. Logo, a maneira de ser de cada ente vivo consistiria nesse querer subjulgar e se impor frente aos outros viventes. Em outras palavras, o combate por mais potência se daria entre todas as espécies de animais e vegetais” (MELO NETO, 2017, p. 80).

A moral cristã é regida pelo ressentimento, amargura e fraqueza. Nietzsche os acusa de serem reativos e debilitados. Apresentando uma interioridade fraca e necessitam de uma representação externa para manter um impulso vital, mesmo que doentes. A vontade volta-se contra a vida, como única possibilidade de continuar como vontade. As prescrições morais dos sacerdotes derrubam os valores nobres, exuberantes de força e plenitude.

Israel realiza o triunfo desses ideais de vingança sobre os ideais mais nobres. O triunfo acontece quando a geração e a criação de valores se dão por meio do ressentimento, a partir da negação de si, pela afirmação do outro, do não eu – esta “inversão do olhar que estabelece valores – este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento” (NIETZSCHE, 2018, p. 26).

Para o filósofo alemão, com o triunfo da vingança dos judeus, eles conseguiram que a nobreza e o poder passassem a ser símbolos de vilania, tomando-os como maus, em si mesmos. A moral sacerdotal acatada pelos judeus coloca a bondade nos fracos, e destrói, deste modo, a moral aristocrática (NIETZSCHE, 2018).

Não são os sentimentos de distância e de superioridade que criam valores, para os judeus, mas sim, um sentimento de ódio e vingança. Eles não criam valores, mas sim, ideais de bem-aventurança para os fracos, de salvação divina, de igualdade num além-mundo. O homem para acreditar nesses ideais é necessário negar a si mesmo e a própria vida.

Se tomamos o homem como o ser que avalia a partir de sua própria atividade e potência, ele deixa de ser criador, ativo, e torna a ser ressentido, reativo e passivo. Para os fracos se tornarem fortes, exigem que todos sejam tomados como iguais, o que soa como uma atrocidade para o autor. Para esse objetivo são edificadas ideais sedutores e persuasivos. Conforme Azeredo (2003, p. 86-87):

Na argumentação de Nietzsche, sob o signo do ideal da morte de Deus para a salvação dos homens, Israel triunfou. Os sacerdotes tiveram êxito na sua vingança imaginária. A vingança é imaginária, mas a vitória do sacerdote sobre a aristocracia guerreira é um dado, cuja efetivação se dá mediante a inversão dos valores do senhor. Para Nietzsche, o escravo almejava a inversão e para efetuar-la utilizou-se do ideal, fazendo com que sua vingança promovesse uma transformação no modo de avaliar. (AZEREDO, 2003, p. 86-87).

Os judeus promovem um novo tipo de amor. Esse amor nasce na dimensão do ódio e do ressentimento. O procedimento da proposta judaica de amor é a transformação dos fracos em fortes, por intermédio da distorção da moral que foi promovida por eles. Ao fazer isso, igualam todos os tipos de homem. É nítido a inversão promovida pelos fracos, do modo de valoração nobre. Porém, mudar o valor, não significa criar. Para Deleuze (1985), o escravo apresenta-se como doente. Existe uma anomalia na relação de forças, com isso, proporciona ao escravo ter uma visão de mundo oposta à do senhor. Essa anomalia impossibilita o escravo de criar, pois ele é definido pela inversão dos valores postulados. A única coisa que é capaz é de negar o que difere.

Destarte, Deleuze (1985) leciona que existem duas forças e elas são divididas em suas qualidades, como, as ativas e reativas, ele faz uma distinção entre elas, como qualidades de vontade de potência, afirmativas e negativas. O senhor é aquele portador de uma força dominadora, uma vontade de potência ativa, enquanto o escravo é aquele que possui uma força reativa e vontade de potência negativa.

Com a inversão dos valores morais dos senhores, o escravo institui sua moral como algo dado, como efetiva. Ao fazer isso, livra a nova moral de ser questionada. O objetivo de fazer da moral absoluta é uma tentativa de autodefesa, para mascarar o medo operando a universalização de seus princípios. Essa transformação da moral aristocrática em moral sacerdotal, e depois, à apropriação desta última, Nietzsche, classifica de rebelião escrava na moral (NIETZSCHE, 2019).

Os judeus, um povo nascido para a escravidão’, como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, o povo eleito entre as nações’, como eles mesmos dizem e creem – os judeus realizaram este milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na Terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os seus profetas fundiram rico’, ateu’, mau’, violento’ e sensual’ numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra mundo’. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra pobre ‘como sinônimo de santo’ e amigo’) reside a importância do povo judeu: com ele começa a rebelião escrava na moral. (NIETZSCHE, 2019, p. 83 – grifo do autor).

O *phatos* de distância denominou os valores. O bom e o ruim mostram as distinções nos modos de ser e de valorar. Para os nobres, o bom é a distinção de uma excelência que reside na *psyke*, é a diferença deles com a massa, oposta a eles. De acordo com Nietzsche, o bom impõe medo, pois quando se é forte impõe-se aos demais e torna-se digno de ser temido. Já o escravo ou tipo vil, é desprezível

pelo seu próprio modo de ser. Ele se torna incapaz de ter orgulho de si, de se impor aos demais e nem reconhece em si mesmo, uma alma elevada. É salutar fazer essa distinção, de um lado existem indivíduos fortes, e com isso, eles são temidos e venerados, e do outro lado, estão indivíduos fracos e desprezíveis, por causa da sua própria constituição.

Há uma transformação neste modo de valorar, por causa das condições que proporcionaram a contradição existente na maneira em que os escravos e tipos vis passaram a dominar os modos de valoração. O método genealógico nietzschiano ajuda a verificar a origem dos valores. Percebemos que existe uma possível dualidade para a valoração dos juízos de bom e mau, bom e ruim. Podemos dizer que o que é bom para o nobre, é o oposto do bom para o escravo (NIETZSCHE, 2018).

1.4 CULPA E MÁ CONSCIÊNCIA

A inquietação provinda da consciência da culpa, e as características a ela atribuídas, especialmente no que tange a hierarquização dos nobres e dos escravos, já existia desde a juventude de Nietzsche, segundo aborda o próprio “Prólogo” da Genealogia da moral, como se lê: “De fato, já quando era um garoto de treze anos me perseguia o problema da origem do bem e do mal” (NIETZSCHE, 2018, p. 8).

De acordo com Nietzsche (2018) a genealogia da moral humana constitui-se de um problema “humano, demasiado humano”. Deste modo, compreende-se que o desejo para ser bom ou mau sempre surge a partir de motivações humanas. Deste modo, compreende-se que o conjunto das regras básicas, às quais nos motivam a nos mantermos vivos, não nos afasta dos ideais do sagrado, mas nos faz seguir adiante independente das adversidades.

Da primeira dissertação, é possível observar que Nietzsche atribui a revolução moral dos escravos à doutrina judaico-cristã, responsável por um processo de decadência por recriminar a moral nobre (que prega força e potência), transformando o homem em um animal manso e manipulável.

A seguir, na segunda dissertação, embasa suas críticas em conceitos como “culpa”, “consciência”, “responsabilidade” e “sacralidade do dever”. Assim, faz uso da genealogia para compreender a evolução e desenvolvimento histórico desses fenômenos, até sua consolidação como preceitos tardios e decadentes.

Nietzsche entende conceitos morais como “bom” e “mau”, “bom” e “ruim” remontam uma batalha interminável entre duas morais opostas, que se enfrentaram até que uma se consolidasse sobre a outra. Assim sendo, o processo genealógico viabilizou que nosso filósofo percebesse a função social e “biológica” do amansamento do homem. Para isso, propõe que a “má-consciência” é o resultado de um árduo processo de manipulação moral e cultura, bem como afasta-se da concepção que a consciência moral humana é uma bússula de pureza, um instrumento divino. O entendimento de nosso filósofo vai no sentido que se trata de um produto de crueldade, violência e abnegação, “desconcertante e impuro”. Assim doutrina o autor:

a segunda dissertação revela o “enigma” da consciência: não é esta, como poderia supor-se, a voz de Deus no homem. É o instinto de crueldade que se volta para o passado quando já não lhe é possível imediatamente satisfazer-se. Aqui, pela primeira vez, aparece na verdadeira luz a crueldade como um dos mais velhos e inalienáveis fundamentos da civilização (NIETZSCHE, 1984, p. 111).

A filosofia nietzschiana remonta a origem da moral para desvendar o enigma da consciência ao enfrentar a moral tradicional, despida de seu prestígio ao passo que os princípios que a norteiam como consciência e livre-arbítrio não correspondem à realidade, pois são produto de manipulação através do dogma cristão.

Ademais, o que aumenta a inquietude nietzschiana da relação entre a moral do bem e do mal está na chamada tendência generalizada, tida como a existência de um sentimento de piedade, demonstrado na simpatia em situações e desgraça de outros. O presente sentimento, caracterizado pela moral cristã como compaixão, reflete-se no desejo de abrandar os infortúnios alheios (NIETZSCHE, 2018).

Com a expansão do cristianismo, começou-se a exaltar a fraqueza, elevando tudo aquilo que diminui o homem para exaltar a Deus. Nesse sentido, Nietzsche retrata o que chama de nova ordem moral do mundo, a qual possui uma espécie parasitária de homem, na qual a vontade de Deus é divulgada segundo os desejos de um sacerdote (NIETZSCHE, 2018).

Por sua vez, na segunda dissertação da Genealogia da Moral, a qual aborda sobre a culpa e a má consciência, o autor aborda que a própria natureza gerou um ser capaz de fazer promessas, de forma a se manter vivendo em sociedade, protegido e seguro. Todavia, o autor aborda ainda sobre uma força contrária, a qual

descreve como uma força capaz de “fechar temporariamente as portas e janelas da consciência (NIETZSCHE, 2018, p. 43).

Além dos componentes da moral dos escravos serem ressentidos e reativos, eles também sofrem com outro problema visceral; culpa e má consciência. A fraqueza da moral dos escravos não se limita a questões abstratas, mas também fisiológicas. Ao interiorizar e restringir sua força, a doença não se restringe ao âmbito moral, mas também ao físico. A esse respeito, Nietzsche afirma:

Neste ponto já não posso me furtar a oferecer uma primeira, provisória expressão da minha hipótese sobre a origem da “má consciência”: não é fácil apresentá-la, e ela necessita ser longamente pensada, pesada, ponderada. Vejo a má consciência como a profunda doença que o homem teve de contrair sob a pressão da mais radical das mudanças que viveu – a mudança que sobreveio quando ele se viu definitivamente encerrado no âmbito da sociedade da paz. (NIETZSCHE, 2018, p. 67).

Os fracos, reprimidos pelas suas incapacidades e inépcia, procuraram formas de castrar os impulsos dos fortes, dos naturalmente pertencentes a moral dos senhores. Insatisfeitos com sua impotência e fraqueza, os ressentidos, em seu desejo de vingança, são capazes de utilizar todos e quaisquer ardis para subverter os fortes e criminalizá-los, disseminando uma moral decadente e restritiva.

De acordo com a hipótese de Nietzsche, a má consciência surge como uma doença, uma espécie de impulso contrário ao desenvolvimento da vida em sociedade e da necessidade de paz. A obra genealogia da moral versa ainda sobre o conceito de toda moral. O que se compreendeu é que o conceito da moral se tornou vantajoso, à medida que permitiu a estabilidade da vida (NIETZSCHE, 2018).

Destarte, Nietzsche passa a estudar o processo de transformação do homem em um animal manso, negando a potência e a tirania que lhe permitiram a ascensão ao poder em prol da doença, vulnerabilidade e fraqueza impostas pela moral do ressentimento. Nosso filósofo interpreta que esta metamorfose moral culminou em uma grande doença psíquica, que contaminou a sociedade ocidental através de instrumentos como culpa, remorso, dever e responsabilidade para consolidar uma guerra aos instintos por meio da doença da má-consciência.

Consequentemente, o homem passa a viver abnegando de suas necessidades e suprimindo seus instintos, diariamente proibido de consolidar seus desejos em virtude da coerção imposta pela moral cristã, originando a consciência:

uma renúncia voluntária que obriga o sujeito a não querer satisfazer as próprias vontades, pois as vê como tentação ou mal. Ao passo que a abnegação, o jejum, e a supressão dos desejos representa o bem, ou a pureza. A seguir, consolidada a moral em tela, o homem absorve e internaliza esses valores, tornando-se um ser “supra-moral”, não precisando ser coagido para abdicar de suas vontades, pois a moral ressentida é estrutural, de maneira que o indivíduo interioriza a culpa, pecado e má-consciência, reprimindo seus instintos deliberadamente.

Desta maneira, compreende-se que o conceito de bem e mal estão esclarecidos. Entretanto, o fato desta se constituir de uma vantagem não libertaria a moral de erros. Para Nietzsche, a inquietação que causa desconfiança está centrada na gênese da moral cristã. Sendo assim, estabelece-se um estudo acerca do valor da compaixão e, sendo assim, questiona-se a moral resultante do mesmo. A inquietação nietzschiana torna-se forte mais uma vez, quando se analisa a questão da importância do bem em relação ao mal (NIETZSCHE, 2018).

Então, é importante compreender o sofrimento interno do homem, uma vez que nessa nova sociedade não há espaço para a exacerbação de antigos instintos de sobrevivência. Por isso, a má consciência é reprimida, fazendo com que o homem se volte para dentro. Consequentemente, a partir da tentativa frustrada de amansar o homem selvagem, surge uma grande frustração, advinda do abandono do passado animal, resultando em uma guerra aos velhos instintos (NIETZSCHE, 2018).

2 O SACERDOTE ASCÉTICO

Deleuze (1992) relata uma história de pensamento concebida por Spinoza, e abordada por Nietzsche e Foucault. Especificamente, trata-se de uma crítica ao poder religioso. Assim, este capítulo visa entender o sacerdote ascético sob a ótica deste pensamento.

Nietzsche se felicita por ter sido o primeiro a fazer uma psicologia do sacerdote, e de ter analisado a natureza de seu poder (o sacerdote trata a comunidade como um “rebanho”, e a dirige inoculando nela o ressentimento e a má consciência). Foucault redescobre o tema de um poder “pastoral”, mas lança a análise numa outra direção: define-o como “individuante”, ou seja, como querendo apropriar-se dos mecanismos de individuação dos membros do rebanho. Em Vigiar e punir ele tinha mostrado como o poder político, no século XVIII, tornara-se individuante, graças às “disciplinas”; mas, finalmente, ele descobre no poder pastoral a origem desse movimento. (DELEUZE, 1992, p. 145).

O autor observa que Nietzsche analisa o sacerdote a fim de realizar a fonte de seu poder, isto é, o processo pelo qual o asceta cristão conduz seu rebanho, bem como a lógica maléfica que lhe concede poder. O sacerdote ascético dá origem ao motor propulsor que impele a transvaloração da moral escrava em detrimento da moral do nobre, por meio do ressentimento, já estudado no capítulo prévio.

O sacerdote asceta opera como o mestre dos homens do ressentimento, direcionando-lhes a novos objetivos, em virtude disso, ele orienta suas ovelhas, através da sua fonte de poder principal: a negação da vida. “O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse” (NIETZSCHE, 2018, p. 98). Em outras palavras, ele aborda a negação da vida como um erro a ser superado, enquanto o ressentimento é estimado.

O pensamento em torno do qual aqui se peleja, é a valoração de nossa vida por parte dos sacerdotes ascéticos: esta (juntamente com aquilo a que pertence, “natureza”, “mundo”, toda a esfera do vir a ser e da transitoriedade) é por eles colocada em relação com uma existência inteiramente outra, a qual exclui e à qual se opõe, a menos que se volte contra si mesma, que negue a si mesma: neste caso, o caso de uma vida ascética, a vida vale como uma ponte para essa outra existência. O asceta trata a vida como um caminho errado, que se deve enfim desandar até o ponto onde começa; ou como um erro que se refuta – que se deve refutar (NIETZSCHE, 2018, p. 98).

Em outras palavras, a vida terrestre é material, portanto intrínseca à morte e transitoriedade. Assim, todas as tarefas essenciais à subsistência como alimentação,

recreação e sono são discriminadas em relação ao além-vida, que representa a salvação da alma, a vida verdadeira.

2.1 O DISSEMINADOR DO RESSENTIMENTO

Para que um homem do ressentimento possa adentrar o além, ele deve se submeter ao estilo de vida proposto pela metafísica judaico-cristã. Consequentemente, o indivíduo passa a se maltratar, negar seu prazer e desejos, bem como sua vontade de potência. O filósofo observa que na ótica ascética, a vida material figura como uma passagem para a verdadeira vida, a qual se dá após a morte:

Pois uma vida ascética é uma contradição: aqui domina um ressentimento ímpar, aquele de um insaciado instinto e vontade de poder que deseja senhorear-se, não de algo na vida, mas da vida mesma, de suas condições maiores, mais profundas e fundamentais (NIETZSCHE, 2018, p. 99).

O sacerdote ascético orienta seus seguidores a sacrificar seu bem-estar, através de privações de alimento, sono, ou descanso, pois Deus se assenhora da vida do fiel através da figura do sacerdote, que reproduz ideais de abnegação, demandando que o fiel negue seus desejos, paixões e prazeres.

[...] aqui se faz a tentativa de usar a força para estancar a fonte da força; aqui o olhar se volta, rancoroso e pérfido, contra o florescimento fisiológico mesmo, em especial contra a sua expressão, a beleza, a alegria; enquanto se experimenta e se busca satisfação no malogro, na desventura, no fenecimento, no feio, na perda voluntária, na negação de si, autoflagelação e autossacrifício. Tudo isso é paradoxal no mais alto grau (NIETZSCHE, 2018, p. 99).

Nietzsche (2018) compreende essa incongruência como uma “condição doentia” por definição. Assim sendo, o asceta inspira seus seguidores por oferecer uma visão personificada do ressentimento, é um modelo da vida fraca, ao mesmo tempo que guia o rebanho, doutrinando de acordo com os ensinamentos da metafísica cristã.

O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder de seu desejo é o grilhão que o prende aqui [...] precisamente com este poder ele mantém apegado à vida todo o

rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados, sofredores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor (NIETZSCHE, 2018, p. 102).

Nosso filósofo percebe que o sacerdote ascético encarna a negação da vida, ao passo que não a abandona, dessarte, o desejo de viver prende-o ao plano material, enquanto os ideais são voltados para o além, configurando uma contradição, o artifício da razão, que demonstra o requinte do poder sacerdotal. “[...] ocorre, portanto, exatamente o contrário do que acreditam os adoradores desse ideal – a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte, o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida” (NIETZSCHE, 2018, p. 101).

Isto é, o sacerdote se transforma num modelo para seu rebanho de homens fracos. Ao assumir um estado doentio, o asceta torna-se um exemplo, consagrando seu sucesso através da doença, conduzindo um rebanho de sofredores.

A ele devemos considerar o salvador, pastor e defensor predestinado do rebanho doente: somente então entenderemos a sua tremenda missão histórica. A dominação sobre os que sofrem é o seu reino, para ela o dirige o seu instinto, nela encontra ele sua arte mais própria, sua mestria, sua espécie de felicidade (NIETZSCHE, 2018, p. 106).

O asceta figura como um grande salvador e líder dos sofredores durante a história, e seu poder surge da assimilação do afeto dos ressentidos, manipulando-os como ofício. O sacerdote asceta se mantém como o mais resentido e doente, convertendo seu sofrimento em excelência.

Ele próprio tem de ser doente, tem de ser aparentado aos doentes e malogrados desde a raiz, para entende-los – para com eles se entender, mas também tem de ser forte, ainda mais senhor de si do que os outros, inteiro em sua vontade de poder, para que tenha a confiança e o temor dos doentes, para que lhes possa ser amparo, apoio, resistência, coerção, instrução, tirano, deus (NIETZSCHE, 2018, p. 106-107).

Nietzsche (2018) percebe uma ironia, especificamente, o sacerdote, apesar de ser o mais escravo, deva sempre ser senhor de si, pois o domínio de si mesmo é necessário para a manutenção do controle sobre o rebanho. Em outras palavras, o sofrimento do asceta é a fábrica em que o poder é produzido, pois é a fraqueza que proporciona a ele a influência para dominar o rebanho, oferecer conselhos e transferir conhecimentos.

O seu estado doente lhe impele à vida, e o transforma no exemplo do

pensamento ascético, e detentor da salvação. Dessarte, o filósofo alemão realiza que o sacerdote é temido e amado na mesma medida, pois representa saber bem como opressão. É uma estratégia de manipulação comum, quando o sacerdote oferece proteção e também ameaça os seguidores.

Ele tem que defendê-lo, ao seu rebanho – contra quem? Contra os sãos, não há dúvida, e também contra a inveja que têm dos sãos; ele tem que ser o opositor e desprezador natural de toda saúde e toda potência tempestuosa, dura, desenfreada, violenta e rapace. [...] Não lhe será poupado fazer guerra aos animais de rapina, uma guerra de astúcia (de “espírito”) mais que de violência (NIETZSCHE, 2018, p. 107).

O pensador refere que o sacerdote ascético propõe uma guerra contra os “sãos”, isto é, os bem-ajustados e saudáveis, que não abnegam de sua vitalidade. Assim, em virtude deste embate, a influência ascética passa a existir. A sanidade, para Nietzsche (2018) é sinônimo de força e saúde, “potência tempestuosa, dura, desenfreada, violenta e rapace” (NIETZSCHE, 2018, p. 107). Dessa forma, a potência não se renuncia, pois a felicidade compele o sujeito a agir, ou seja, negar as necessidades básicas é uma forma de insanidade, configura a perversidade do fraco.

2.2 O SACERDOTE COMO GUIA

O sacerdote ascético figura como guia do rebanho contra a inveja que possam vir a sentir pelos fortes e sãos, que gozam despreocupadamente dos prazeres da vida terrestre. Especificamente, ele redireciona o impulso do ressentido através da sua loucura, mediante a inversão de valores e por ser o exemplo de moral ascética, é o detentor do saber divino. Assim sendo, o asceta protege os seguidores das suas próprias vontades, e das influências do mundo exterior. Ocorre que a inveja é perigosa, pois impele o fraco à desobediência, e o tenta a agir, pois propicia a competição e um embate por poder. Assim, o sacerdote ascético inspira medo mediante sua loucura, e ameaça o rebanho por meio da palavra divina.

É através do desprezo que o sacerdote ascético opera, pois rejeita tudo que a força representa, isto é, as condições para manutenção da vida. Dessa forma, recrimina a potência e estimula a fraqueza, propondo uma guerra entre fortes e fracos. Assim, o asceta manipula a religião e suas filosofias, através de uma

repressão sistemática, mas sutil.

[...] sério como urso, venerável, prudente, frio, superior-enganador, como arauto e porta voz de poderes misteriosos, decidido a semear nesse terreno, onde puder, de sofrimento, discórdia, contradição, e, seguro bastante de sua arte, fazer-se a todo instante senhor dos sofredores (NIETZSCHE, 2018, p. 107).

Assim, o sacerdote se configura como alguém que sabe de tudo, e por se comunicar diretamente com Deus, exerce papel de seu representante, escolhido especialmente para obter poder e influência. Nietzsche (2018) observa que o asceta lança mão da enganação e falsidade, se portando como superior e reverenciável.

Da mesma forma, apresenta sua percepção distorcida como sanidade, com base nas escrituras bíblicas. Ao passo que propõe um modelo restritivo e maléfico, o sacerdote oferece alento para o sofrimento que ele mesmo provocou. “Ele traz unguento e bálsamo, sem dúvida; mas necessita primeiro ferir, para ser médico; e quando acalma a dor que a ferida produz, envenena no mesmo ato a ferida – pois disso entende ele mais que tudo” (NIETZSCHE, 2018, p. 107).

O sacerdote provoca sofrimento através do seu ofício, forçando seu rebanho a contemplar a transitoriedade da vida e a injustiça da morte, ao passo que conforta a dor, mediante o conceito de vida após a morte. Assim, envenena a força, ao mesmo tempo que cura, transformando indivíduos vigorosos em presas para sua filosofia “[...] esse feiticeiro e domador de animais de rapina, em volta do qual tudo o que é são torna-se necessariamente doente, e tudo doente necessariamente manso” (NIETZSCHE, 2018, p. 107).

2.3 A MANIPULAÇÃO SACERDOTAL

O nosso filósofo entende que o sacerdote ascético manipula os fortes e saudáveis através dos seus conceitos de bem e mal, visando envenenar a existência do sujeito nobre, e subsequentemente oferece a cura, que amansa o indivíduo antes doente. Nietzsche (2018) percebe a importância do asceta na manutenção do rebanho, que está sempre à beira de uma crise. Assim, a perversidade é intrínseca à formação do rebanho, sempre prestes a se autodestruir:

De fato, ele defende muito bem o seu rebanho enfermo, esse estranho

pastor— ele o defende também de si mesmo, da baixeza, perfídia, malevolência que no próprio rebanho arde sob as cinzas, e do que mais for próprio de doentes e combalidos; ele combate de modo sagaz, duro e secreto, a anarquia e a autodissolução que, a todo o momento, ameaçam o rebanho, no qual aquele mais perigoso dos explosivos, o ressentimento, é continuamente acumulado (NIETZSCHE, 2018, p. 107).

O sacerdote ascético opera redirecionando o ressentimento, pois realoca os pensamentos dos fracos e derrotados, ao guiar suas mentes de volta ao objetivo verdadeiro: a vida no além. Toda a existência material deve ser sacrificada em prol de uma vida transcendental. No entanto, o ressentimento não processado atrapalha a vida do sujeito, e envenena sua existência, assim, parte do papel do asceta inclui a redistribuição do ressentimento:

Descarregar este explosivo, de modo que ele não faça saltar pelos ares o rebanho e o pastor, é a sua peculiar habilidade, e suprema utilidade; querendo-se resumir numa breve fórmula o valor da existência sacerdotal, pode-se dizer simplesmente: o sacerdote é aquele que muda a direção do ressentimento (NIETZSCHE, 2018, p. 107-108).

Nietzsche percebe que o sacerdote ascético utiliza o remanejo do ressentimento ao se apresentar com bondade e redenção, aliviando o sofrimento do rebanho ao descarregar o ressentimento. O ato de culpar outrem é o narcótico do sofredor, que alivia essa angústia através da manipulação de suas emoções, através da projeção da sua dor em outra pessoa:

Os sofredores são todos horrivelmente dispostos e inventivos, em matéria de pretextos para seus afetos dolorosos; eles fruem a própria desconfiança, a cisma com baixeza e aparentes prejuízos, eles revolvem as ceras de seu passado e seu presente, atrás de histórias escuras e questionáveis, em que possam regalar-se em uma suspeita torturante, e intoxicar-se do próprio veneno de maldade — eles rasgam as mais antigas feridas, eles sangram de cicatrizes há muito curadas, eles transformam em malfeitores o amigo, a mulher, o filho e quem mais lhes for próximo. “Eu sofro: disso alguém deve ser culpado” — assim pensa toda ovelha doente (NIETZSCHE, 2018, p. 108-109).

Através da manipulação dos sentimentos e desconfianças dos fiéis, o sacerdote ascético lidera seu rebanho, recontando histórias sobre outros sofredores acerca dos fundamentos do cristianismo. Ao infringir dores e criar mais ressentimento, seu poder divino se consagra. O sacerdote faz uso dessa repetição da dor, impondo uma incongruente filosofia de vida: a existência no sofrimento, aquela que abnega tudo em prol de um ideal.

Dessa maneira, Nietzsche (2018) pontua o paradoxo do amor cristão, isto é, uma paixão que atribui culpa, intoxica os culpados e entorpece o ressentido. Os amigos e familiares são o alvo da recriminação sacerdotal, ao passo que o cristianismo prega amor incondicional, também impõe culpa, discriminação e segregação. A agrura do seguidor doente deve ser atribuída a alguém, o que é parte do ofício do clérigo.

Mas seu pastor, o sacerdote ascético, lhe diz: “Isso mesmo, minha ovelha! Alguém deve ser culpado: Mas você mesma é esse alguém – somente você é culpada de si!...”. Isto é ousado bastante, falso bastante: mas com isto se alcança uma coisa aí menos, com isto, como disse, a direção do ressentimento é – mudada (NIETZSCHE, 2018, p. 109).

Do ponto de vista do filósofo, um dos artifícios mais interessantes do sacerdote ascético é a aptidão com que manipula o ressentimento do rebanho. Ao atribuir a culpa ao próprio sujeito, o asceta transforma o indivíduo em uma ovelha doente, doutrinação e consequentemente inofensiva. Assim, consolida-se o ciclo do ressentimento, pois a dor do rebanho se acumula, retroalimentando um ódio que se volta aos próprios fiéis.

O cristianismo entende que o homem é corrompido desde o momento da concepção, pois o pecado original recrimina a própria existência da vida, e lhe atribui culpa, pecado, erro, e más-intenções ao indivíduo mesmo antes do nascimento, tudo em nome da disciplina necessária para o merecimento do além-vida:

Percebe-se agora o que, segundo minha concepção, o instinto-curandeiro da vida ao menos tentou através do sacerdote ascético, e para que lhe serviu a tirania temporária de conceitos paradoxais e paralógicos como “culpa”, “pecado”, “pecaminosidade”, “corrupção”, “danação”: para tornar os doentes inofensivos até certo ponto, fazer os incuráveis se destruírem por si mesmos para com rigor orientar os levemente adoentados de volta a si mesmos, voltando para trás seu ressentimento (NIETZSCHE, 2018, p.109).

Nietzsche realiza a existência do ser humano como inerentemente podre e corrompida, assim, sua carne e alma padecem aos pecados. Em virtude disso, o sacerdote ascético não oferece apenas a terapia espiritual, como também para o corpo. “Mas é realmente um médico, este sacerdote ascético?” (NIETZSCHE, 2018, p. 110). O filósofo alemão aponta que apesar de não ser médico, o asceta combate o desconforto sofrido pelo enfermo, sem no entanto curar a doença. Apesar de alcinha de “salvador”, o sacerdote apenas oferece consolo.

A mitigação do sofrimento, o “consolo” de toda espécie – isto se revela como o seu gênio mesmo; com que inventividade compreendeu ele sua tarefa de consolador, de que modo irrefletido e ousado soube escolher os meios para ela! O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo (NIETZSCHE, 2018, p. 111).

O resultado da ação sacerdotal é o ressentimento, e através do seu poder entorpecente, consola os fracos e estimula os fiéis a combater a depressão mediante um remédio religioso, consagrando um domínio psicológico-moral. O querer, o desejo e o afeto são recriminados, enquanto o caminho para a santidade configura a renúncia completa:

Esse desprazer dominante é combatido, primeiro, através de meios que reduzem ao nível mais baixo o sentimento vital. Se possível nenhum querer, nenhum desejo mais; [...] não amar; não odiar; equanimidade; não se vingar; não enriquecer; não trabalhar; se possível nenhuma mulher, ou mulher o menos possível; [...] Como resultado, em termos psicológico-morais, “renúncia de si”, “santificação”; em termos fisiológicos, hipnotização - uma tentativa de alcançar para o homem algo aproximado ao que a hibernação representa para algumas espécies animais, a estivação para muitas plantas de clima quente, um mínimo de metabolismo, no qual a vida ainda existe, sem no entanto penetrar na consciência. Uma quantidade espantosa de energia humana foi gasta para esse fim - em vão?...” (NIETZSCHE, 2018, p. 112).

O sacerdote ascético detém artifícios para diminuir o sofrimento. A exemplo disso, a atividade maquinal consiste em um trabalho ininterrupto, condicionado a uma carga horária regular, que ocupa completamente o tempo livre do ressentido, esse método se aplica não só ao emprego formal, mas também à atividade monástica, pois os monges laboram para prover sustento ao corpo e ao espírito, isto é, o labor possui um aspecto religioso. Nosso filósofo entende que estas atividades impessoais são atribuídas com a finalidade de ocupar a mente do sujeito, ao passo que esgota também as energias vitais “[...] para o esquecimento de si” (NIETZSCHE, 2018, p. 115).

Assim, com a mente ocupada pelas atividades atribuídas, o rebanho desconsidera o sofrimento, aliviado pela distração do labor, “[...] pois ela é pequena, esta câmara da consciência!” (NIETZSCHE, 2018, p. 115). Este método foi amplamente aplicado pelos clérigos em escravos e trabalhadores de classe-baixa, que em virtude de sua fraqueza aceitavam as tarefas, enquanto os nobres, da sua posição de força e potência, não aceitavam facilmente estas proposições.

Bem mais frequentemente que este hipnótico amortecimento geral da sensibilidade, da capacidade de dor, o qual já pressupõe forças mais raras, [...] de todo modo mais fácil: a atividade maquinal. Está fora de dúvida que através dela uma existência sofredora é aliviada num grau considerável: a este fato chama-se atualmente, de modo algo desonesto, "a bênção do trabalho". O alívio consiste em que o interesse do sofredor é inteiramente desviado do sofrimento - em que a consciência é permanentemente tomada por um afazer seguido de outro, e em consequência resta pouco espaço para o sofrimento (NIETZSCHE, 2018, p. 114-115).

Ao estudar a pequena alegria, Nietzsche (2018) observa que se trata de um estimado artifício para o controle da depressão dos ressentidos. Consiste na obtenção de felicidade através de um ato benéfico "[...] a alegria de causar alegria (ao fazer benefício, presentear, aliviar, ajudar, convencer, consolar, louvar, distinguir)" (NIETZSCHE, 2018, p. 115).

O chamado "amor ao próximo" causa bem-estar ao proporcionar prestígio e superioridade, enquanto sana o desejo de poder do ressentido. Ademais, o autor leciona que a existência das Igrejas estimula a pequena alegria pois proporciona aos fiéis um templo de consolação recíproca.

Um meio ainda mais apreciado na luta contra a depressão é a prescrição de uma pequena alegria que seja de fácil obtenção e possa ser tornada regra; esta medicação é frequentemente usada em associação com a anterior. A forma mais frequente em que a alegria é assim prescrita como meio de cura é [...] "amor ao próximo", o sacerdote ascético prescreve uma estimulação, embora em dosagem prudente, do impulso mais forte e mais afirmador da vida - da vontade de poder. A felicidade da "pequena superioridade", que acompanha todo ato de beneficiar, servir, ajudar, distinguir, é o mais abundante meio de consolo de que costumam servir-se os fisiologicamente obstruídos, supondo-se que estejam bem aconselhados: de outro modo ferem uns aos outros, naturalmente em obediência ao mesmo instinto básico (NIETZSCHE, 2018, p. 115-116).

A organização gregária é a consolidação do rebanho através das medidas de manejo do ressentimento e da utilização dos métodos anteriores. É o vínculo que liga os fracos num consolo mútuo, e viabiliza a sobrevivência do ressentido: "[...] a formação do rebanho é avanço e vitória essencial na luta contra a depressão" (NIETZSCHE, 2018, p. 116).

A existência de um templo físico em que o rebanho pode ser reunido também é um importante artifício sacerdotal, pois dá aos seus seguidores um local de congregação, "o despertar do sentimento de poder da comunidade, em consequência do qual o desgosto do indivíduo consigo mesmo é abafado por seu

prazer no florescimento da comunidade” (NIETZSCHE, 2018, p. 117).

Ao interessar-se pelo bem-estar de seus companheiros, o ressentido não precisa conviver com a aversão pela própria vida. O sacerdote conduz os fracos, ao serem agregados em rebanhos, tornam-se mansos e manipuláveis. “[...] os fortes buscam necessariamente dissociar-se, tanto quanto os fracos buscam associar-se” (NIETZSCHE, 2018, p. 116). Nosso filósofo percebe que o sacerdote induz um grande afeto no ressentido, que através da dor, experiencia uma grande revelação religiosa.

O grande estratagema que se utilizou o sacerdote ascético para fazer ressoar na alma humana toda espécie de música pungente e arrebatada consistiu – todos sabem – em aproveitar-se do sentimento de culpa. [...] Apenas nas mãos do sacerdote, esse verdadeiro artista em sentimentos de culpa, ele veio a tomar forma! O “pecado” (NIETZSCHE, 2018, p. 120).

Nietzsche (2018) classifica como meios “culpados” de combate ao ressentimento aqueles que combatem a angústia através da manipulação da dor. O excesso de sentimento é remanejado de volta ao próprio sujeito. O sacerdote ascético expõe o rebanho a todo o tipo de angústia, ao passo que os conforta. O ressentido sofre as consequências da abnegação, ao passo que o asceta reverte o amargor de volta à pessoa do pecador.

[...] ele recebe uma indicação, recebe do seu mago, o sacerdote ascético, a primeira indicação sobre a “causa” do seu sofrer: ele deve procurar em si mesmo, em uma culpa, um pedaço de passado, ele deve entender seu sofrimento mesmo como uma punição... Ele ouviu, ele compreendeu, o infeliz: agora está como a galinha em torno da qual foi traçada uma linha. Ele não consegue sair do círculo: o doente foi transformado em “pecador” (NIETZSCHE, 2018, p. 121).

O sacerdote ascético ensina que o pecado é a razão para o sofrimento do rebanho, isto é, a natureza intrinsecamente maléfica do ser humano que o induz ao erro. Assim, o asceta oferece afeto ao ressentido, o que configura um círculo vicioso de sofrimento. O fiel passa a procurar erros na sua conduta e na de seus conhecidos, bem como na trajetória da humanidade, como dispõe a Bíblia Sagrada.

Nosso filósofo percebe que o poder do sacerdote aumenta com a dor e sofrimento do rebanho, alimentando-se da tragédia para expandir sua influência, enquanto o seguidor adoece ainda mais, remoendo sua culpa por acontecimentos passados, como tentações, erros e pecados.

Desatar a alma humana de todas as suas amarras, submergi-la em terrores, calafrios, ardores e êxtases, de tal modo que ela se liberte como que por encanto de todas as pequeninas misérias do desgosto, da apatia, do desalento: que caminhos levam a esse fim? E quais os mais seguros entre eles?... No fundo, todo grande afeto tem capacidade para isso, desde que se descarregue subitamente: cólera, pavor, volúpia, vingança, esperança, triunfo, desespero, crueldade; e de fato, o sacerdote ascético não hesitou em tomar a seu serviço toda a matilha de cães selvagens que existe no homem, soltando ora um, ora outro sempre com o mesmo objetivo, despertar o homem de sua longa tristeza, pôr em fuga ao menos por instantes a sua surda dor, sua vacilante miséria e sempre sob a coberta de uma interpretação e “justificação” religiosa (NIETZSCHE, 2018, p. 119-120).

Nietzsche (2018) realiza que o asceta obtém seu poder através do ressentimento e da abnegação da vida e de tudo que remete à potência. O sacerdote ascético prega aos fracos a moral escrava e convence o rebanho que a vida material e espiritual são intrínsecamente antitéticas. Isto é, para que a ovelha seja merecedora do Paraíso, deve abnegar a força e potência em vida, por se tratar de uma existência pecaminosa. Ao observar esta contradição, nosso filósofo percebe que o sacerdote reverte os valores e, como um abutre dos sentimentos, se assenhora das mentes do rebanho, bem como cria e cura as feridas através de seu veneno: a culpa pelo pecado praticado.

[...] Pois todo sofredor busca instintivamente uma causa para seu sofrimento; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente culpado suscetível de sofrimento – em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou in effigie [simbolicamente]: pois a descarga do afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de entorpecimento, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie (NIETZSCHE, 2018, p. 108).

Nietzsche (2018) percebe que o ressentimento apesar de ser a fonte do poder sacerdotal, também provoca tensão no rebanho. Assim, parte do ofício do asceta é manipular e redirecionar essa frustração de volta ao indivíduo, transformando-o num sujeito sofrido, culpado, e pecador, sem qualquer perspectiva para a vida material, focado apenas num além-vida que pode não existir. Nesse sentido, nosso filósofo pontua que o sacerdote ascético extrai seu poder da agrura do rebanho, se alimentando da fraqueza do fiel, que acredita ser pacaminoso desde o momento da concepção.

O ressentimento apesar de ser a fonte do poder sacerdotal, também provoca tensão no rebanho. Assim, parte do ofício do asceta é manipular e redirecionar essa

frustração de volta ao indivíduo, transformando-o num sujeito sofrido, culpado, e pecador, sem qualquer perspectiva para a vida material, focado apenas num além-vida que pode não existir. Nesse sentido, Nietzsche (2018) pontua que o sacerdote ascético extrai seu poder da agrura do rebanho, se alimentando da fraqueza do fiel, que acredita ser pacaminoso desde o momento da concepção.

O prestígio ascético nasce da abnegação que o sacerdote se submete para a obtenção de poder, isto é, Nietzsche (2018) interpreta que a moral do sacerdote surge dos debilitados e enfermos, ressentidos dos fortes e da vida terrena. Isso ocorre pois o sacerdote se mantém o mais fraco e doente. Ao abnegar-se de todas as atividades que provocam alegria ou prazer, o sacerdote se torna um exemplo para o rebanho, ao passo que inocula o veneno do pecado e dor, adoentando mentes até então sãs, e restringindo a potência do corpo.

Está claro que uma contradição como a que se manifesta no asceta, "vida contra vida", é considerada fisiologicamente, não mais psicologicamente, simplesmente um absurdo. [...] o ideal ascético nasce do instinto de cura e proteção de uma vida que degenera, a qual busca manter-se por todos os meios, e luta por sua existência; indica uma parcial inibição e exaustão fisiológica, que os instintos de vida mais profundos, permaneci dos intactos, incessantemente combatem com novos meios e invenções. O ideal ascético é um tal meio: ocorre, portanto, exatamente o contrário do que acreditam os adoradores desse ideal - a vida luta nele e através dele com a morte, contra a morte, o ideal ascético é um artifício para a preservação da vida (NIETZSCHE, 2018, p. 101).

2.4 OS MALES DO RESSENTIMENTO

O autor percebe que o ressentimento também prejudica o corpo, isso pois a abnegação provoca consequências, bem como o “não esquecimento” dos erros e pecados passados, o que viabiliza o poder sacerdotal. Além do emprego do ressentimento, outro elemento essencial para a consagração do poder ascético é a própria existência do sacerdote. Isso pois o rebanho não pode existir sem um guia que os lidere, assim, o sacerdote utiliza a transvaloração dos valores para provocar uma reforma na moral popular, através dos conceitos de pecado e do além-vida.

Em outras palavras, o poder ascético não se configura sem o ressentimento. Isso pois a moral do escravo o compele a viver no sofrimento, iludido com uma realidade fabricada, abnega da força e da felicidade, enquanto se apega à metafísica cristã e a um código de ética extremamente restrito.

Não conseguir levar a sério por muito tempo seus inimigos, suas desventuras, seus mal feitos inclusive - eis o indício de naturezas fortes e plenas, em que há um excesso de força plástica, modeladora, regeneradora, propiciadora do esquecimento (no mundo moderno, um bom exemplo é Mirabeau, que não tinha memória para os insultos e baixezas que sofria, e que não podia desculpar, simplesmente porque - esquecia). Um homem tal sacode de si, com um movimento, muitos vermes que em outros se enterrariam; apenas neste caso é possível, se for possível em absoluto, o autêntico "amor aos inimigos". Quanta reverência aos inimigos não tem um homem nobre! (e tal reverência é já uma ponte para o amor). Ele reclama para si seu inimigo como uma distinção, ele não suporta inimigo que não aquele no qual nada existe a desprezar, e muito a venerar! Em contrapartida, imaginemos "o inimigo" tal como o concebe o homem do ressentimento - e precisamente nisso está seu feito, sua criação: ele concebeu "o inimigo mau", "o mau", e isto como conceito básico, a partir do qual também elabora, como imagem equivalente, um "bom" – ele mesmo! (NIETZSCHE, 2018, p. 28).

O sacerdote ascético conduz o rebanho de fracos, e impõe aos seus seguidores os princípios da moral cristã, prezando a vida no além em detrimento da existência material. Destarte, as ovelhas devem abdicar de tudo o que lhes proporciona bem-estar em prol da salvação de suas almas.

O sacerdote ascético também pode figurar como sábio caso possua vastos conhecimentos em determinada arte e proeminente prestígio, recebendo benefícios em troca de seus conhecimentos, é o poder de saber ensinar. Quando o asceta ocupa a função de professor, a potência do sujeito é progressivamente reduzida, os ensinamentos vão no sentido oposto da força, e se dão por meio de histórias de cunho bíblico, que enunciam as diretrizes da religião. Destarte, em virtude do seu status de sábio, o sacerdote ascético pode ensinar. Para isso, conduz o fiel através do ressentimento, culpa e pecado, ao passo que consola o espírito por meio de sua medicina maléfica e ineficaz.

Ao figurar como mestre, o sacerdote pode oferecer curas por meio de seus ensinamentos. Conquanto o adulto necessite de consolo, o infante é alvo de seu ressentimento. Em outras palavras, a inocência da criança é invejada pelo sujeito maduro e cansado. Nesse contexto, o sacerdote ascético utiliza sua sabedoria religiosa para manipular o jovem, impondo-lhe a moral escrava, a vida fraca, tudo a fim de controlar o infante e inocular-lhe culpa e pecado. Para Nietzsche (2011), o ódio e ressentimento provocados pela aplicação da moral religiosa na educação infantil contribuiu para a popularização do niilismo.

Nietzsche reforça que o ressentido busca a cura espiritual através da fantasia de uma vida infinita. Assim, a moral do escravo rejeita a força e a potência, bem

como tudo que o nobre representa. Dessa forma, a cautela com o rebanho é parte do ofício sacerdotal, pois o estilo de vida forte dos nobres impõe medo aos plebeus e perigo à doutrina, que prega uma vida fraca. O domínio psicológico do asceta faz uso de sua sabedoria para redirecionar o ódio. O sacerdote ascético volta os fiéis contra si, individualmente, através da atribuição da culpa, ao passo que manipula o rebanho, e inocula seu veneno através de ideias religiosas, enchendo o sujeito de remorso pelos pecados cometidos desde a sua gênese.

Destarte, o poder sacerdotal é proveniente da manipulação psicológica, isso pois a doutrina cristã recompensa a fraqueza, ao passo que o “praticar o bem” consiste num poder ressentido, que inocula culpa e perversidade na psique do indivíduo que procura aconselhamento.

precisamente com este poder ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados, sofrendores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor. Já me entendem: este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador - ele exatamente está entre as grandes potências conservadoras e afirmadoras da vida (NIETZSCHE, 2018, p. 102)

Sabe-se que o asceta exerce a função de médico, pois cura as doenças do espírito. Conquanto para Nietzsche (2018), o papel terapêutico do sacerdote se trata de uma farsa, pois não cuida do corpo, já que apenas o plano espiritual é relevante, só o além-vida representa a verdade. O sacerdote ascético apenas consola o sofrimento através da religião, apenas confortando o enfermo. Assim, dentre os artifícios utilizados pelo asceta analisados neste capítulo, estão o enfraquecimento dos aspectos vitais; a pequena alegria; a organização do rebanho (ou gregária) e a atribuição de pecados.

3 A TRANSVALORAÇÃO DOS VALORES NA GENEALOGIA DA MORAL:

Este derradeiro capítulo tem por objetivo observar a proposta elaborada por Nietzsche para o enfrentamento da moral ressentida e sacerdotal na obra *Genealogia da Moral*. Para isso, a compreensão do processo genealógico do filósofo como um todo se faz necessária.

Nesse sentido, o primeiro capítulo discorre acerca da origem da moral e o prodimento filosófico do autor, a fim de esclarecer a importância e consequências da moral no pensamento nietzschiano, visto que seus ataques ao cristianismo e a moral por ele doutrinada são motivo de controvérsia até o presente.

A seguir, o segundo capítulo descreve o entendimento do pensador alemão quanto ao sacerdote ascético e o seu papel na propagação e subsequente consolidação da moral cristã como a conhecemos. Primeiramente, o sacerdote se transforma no mais doente do rebanho, para que então através da manipulação do ressentimento possa atribuir pecados ao indivíduo, que então abnega da força e potência no plano material e concreto em prol de uma suposta vida eterna.

3.1 A TRANSVALORAÇÃO JUDAICO-CRISTÃ

Nietzsche entende que o sacerdote não possui a capacidade de estabelecer novos conceitos, pois é um privilegiado intrínseco aos nobres. Dessa forma, se apropria de ideias pré-existentes. Ao analisar genealogicamente o pensamento sacerdotal, nosso filósofo percebe que os valores são derivados do cavalheirismo aristocrático.

Da mesma forma, os conceitos espirituais são derivados de noções políticas, assim sendo, os sacerdotes não criam definições, só as transformam de maneira a classificar dicotomicamente os homens, isto é, dividí-los em bons e maus, em polos opostos espiritualmente, tudo em prol do ressentimento.

A fé como imperativo é o veto contra a ciência – na prática, a mentira a todo custo... Paulo compreendeu que a mentira – que a ‘fé’ era necessária; mais tarde a Igreja compreendeu Paulo. – O ‘Deus’ que Paulo inventou, um Deus que ‘arruína’ a ‘sabedoria do mundo’ (em sentido estrito, as duas grandes adversárias de toda superstição, a filologia e a medicina), é, na verdade, apenas a resoluta decisão do próprio Paulo: chamar Deus sua própria vontade, torah [lei], isso é primordialmente judaico (NIETZSCHE, 2016, p. 56).

Ao transportar os valores aristocráticos em religiosos, o sacerdote se posiciona contra a moral dos nobres. Isso pois os fidalgos prezam a força, a potência, e a aptidão para o combate, enquanto a moral sacerdotal abnega da força em prol do ressentimento, de uma natureza fraca e mansa, completamente afastada da mentalidade beligerante.

Em virtude desta vulnerabilidade, os sacerdotes utilizam o veneno espiritual, a culpa, e o pecado para manifestar artifícios para o combate da moral aristocrática. Nosso autor percebe que o povo judaico se opôs contra os poderosos por meios espirituais, isto é, a transvaloração por meio da inversão da axiologia nobre.

Rocha (2009) aponta que Nietzsche percebeu esse fenômeno ao estudar a história de Israel, e conclui que isso se deu através da ascensão dos sacerdotes, durante o período pós exílio:

Os judeus – um povo “nascido para a escravidão”, como diz Tácito, e com ele todo o mundo antigo, “o povo eleito entre as nações”, como eles mesmos dizem e creem – os judeus realizaram esse milagre da inversão dos valores, graças ao qual a vida na Terra adquiriu um novo e perigoso atrativo por alguns milênios – os seus profetas fundiram “rico”, “ateu”, “mau”, “violento” e “sensual” numa só definição, e pela primeira vez deram cunho vergonhoso à palavra “mundo”. Nessa inversão dos valores (onde cabe utilizar a palavra “pobre” como sinônimo de “santo” e “amigo”) reside a importância do povo judeu: com ele começa a rebelião escrava na moral (NIETZSCHE, 2019, p. 83).

O ódio do sacerdote é responsável por criar ideais e recriar valores, porque o ressentimento é que dá origem às transformações. O autor pontua que o surgimento dos ressentidos não é uma ação, e sim uma reação à algo que lhes foi negado.

Mormente, um conceito determinante na transvaloração dos valores é o amor de Cristo. Este paradigma religioso possui muita influência pois consiste no poder divino, encarnado em um homem, abnegando da sua vitalidade em prol da humanidade.

Ademais, sabe-se que o primeiro sacerdotef foi Paulo de Tarso, um judeu convertido, considerado por muitos estudiosos o fundador do cristianismo, e baseia a nova doutrina através de ideais de fraqueza e abnegação. Moral esta que se consolidaria após dezenas de séculos, através de mecanismos emprestados da política, para a formulação do método de manipulação sacerdotal. Acerca do ressentimento, afirma nosso filósofo:

os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes, são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem aventurança – mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados! (NIETZSCHE, 2018, p. 23).

Assim, ao analisar a história de Israel, Nietzsche percebe que houve uma deturpação dos valores naturais, que são intrínsecos ao ser humano, como a vontade de saúde, força e potência, a fim de preservar a própria vida e evitar sua degeneração. Ademais, o autor entende que a “revolta escreva na moral” não necessariamente configura uma ocorrência necessária, visto que consiste em uma série de circunstâncias que propiciaram a ascensão da classe sacerdotal ao poder.

Na obra *Genealogia da Moral*, o filósofo alemão percebe que através da transvaloração, os sacerdotes judeus propiciaram incontáveis transformações de cunho moral e cultural. No entanto, acrescenta que esta reviravolta nos paradigmas só foi possível através da inversão de conceitos inerentes à sobrevivência humana, em outras palavras, pregam o desvalor da vida. Consequentemente, Nietzsche observa a transvaloração através da recriminação da potência, alterando valores fundamentais.

Em seus estudos da obra nietzschiana, Rubira (2010) doutrina que a expressão *Umwertung aller Werthe* remonta em “transvaloração de todos os valores”. Assim, entende que denota a ideia de reverter, mudar ou transgredir a avaliação de todos os valores. Nesse sentido, ao analisar a obra *Genealogia da Moral*, Rubira aponta que há uma deturpação da moral, realizada por meio da manipulação dos mais fracos, que sequer cria novos ideais, apenas remoldando-os em novas maneiras de deturpação da cultura.

Ora, a avaliação determinante de todos os valores vigentes, o “velho peso”, que Nietzsche visa transvalorar, é aquela oriunda das perspectivas vitais decadentes, as quais teriam alcançado o âmbito de determinação dos valores com a ascensão do cristianismo (RUBIRA, 2010, p. 233).

Ocorre que para que estas transgressões possam se consolidar, é necessário que a busca pela verdade seja cessada, isto é, a moral inerente ao ser humano, voltada para a sobrevivência e a obtenção de poder deve ser suprimida em prol da moral e de um rompimento das vontades, sendo assim:

Se a ruína do cristianismo trouxe como consequência a sensação de que “nada tem sentido”, “tudo é em vão”, trata-se agora de mostrar que a visão cristã não é a única interpretação do mundo – é só mais uma. Perniciosa, ela inventou a vida depois da morte para justificar a existência; nefasta, fabricou o reino de Deus para legitimar avaliações humanas. Na tentativa de negar este mundo em que nos achamos, procurou estabelecer a existência de outro, essencial, imutável, eterno; durante séculos, fez dele a sede e origem dos valores. É urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a terra; é premente entender que eterna é esta vida tal como a vivemos aqui e agora. Nisto consiste o projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores: fundar os valores a partir de outras bases (MARTON, 2006, p. 65).

3.2 OS CONTRAIDEAIS E A TRANSVALORAÇÃO FUTURA

Na Genealogia da Moral não é possível constatar explicitamente um processo de transvaloração que estaria por acontecer, como é visível aquela realizada pelos homens do ressentimento. Porém é evidente essas menções nietzschianas ao futuro em cada uma das dissertações. Elas são várias e suficientes para uma análise da transmutação de valores pensada por Nietzsche.

No aforismo 12 da primeira dissertação, nosso filósofo adverte acerca dos perigos do niilismo, difundido em meio a homens mansos e dominados. No entanto, a grande saúde nietzschiana recusa qualquer coisa que prejudique o próprio sujeito, enquanto a fraqueza é uma humilhação em si. Para um indivíduo forte, os infortúnios são percebidos como novidade ou desafio, ao passo que o sujeito ressentido sofre profundamente, por já se considerar derrotado, sua vida é despida de sensações: não há o que temer nem o que amar.

Que coisa é para mim completamente intolerável? Aquilo com que não posso, que me faz enlanguescer e definhar? O ar ruim! O ar ruim! O fato de que uma coisa malograda se aproxime; que eu tenha de cheirar as entranhas de uma alma malograda!... O que não suportamos normal mente de miséria, privação, mau tempo, enfermidade, fadiga, solidão? No fundo podemos com todo o resto, nascidos que somos para uma existência subterrânea e combativa; sempre voltamos mais uma vez à luz, (NIETZSCHE, 2018, p. 31).

Nietzsche entende que a grande maioria dos seus contemporâneos europeus eram homens ressentidos, cansados de si mesmos e sem razão para viver. Além disso, o filósofo expressa esperanças que o homem forte, potente e feliz volte a existir, acredita no retorno de “um homem que justifique o homem”, um sujeito que respeite a si mesmo.

À primeira dissertação, aforismos 16 e 17, Nietzsche percebe que a moral escrava, originada na Judeia, domina todos os aspectos da cultura, e se consolidou através dos anos de maneira que a má-consciência é parte da estrutura da sociedade. No entanto, o autor opina que a moral nobre não foi completamente derrotada, pois a guerra ainda acontece no interior do homem, fruto da colisão dessas duas morais, eternamente em disputa. Dessa forma, Nietzsche acrescenta que para a vitória dos valores nobres, é essencial que o homem sinta orgulho de si mesmo.

Os dois valores contrapostos, "bom e ruim", "bom e mau", travaram na terra uma luta terrível, milenar; e embora o segundo valor há muito predomine, ainda agora não faltam lugares em que a luta não foi decidida. Inclusive se poderia dizer que desde então ela foi levada incessantemente para o alto, com isto se aprofundando e se espiritualizando sempre mais: de modo que hoje não há talvez sinal mais decisivo de uma "natureza elevada", de uma natureza espiritual, do que estar dividida neste sentido e ser um verdadeiro campo de batalha para esses dois opostos. O dístico dessa luta, escrito em caracteres legíveis através de toda a história humana, é "Roma contra Judéia, Judéia contra Roma": - não houve, até agora, acontecimento maior do que essa luta, essa questão, essa oposição moral (NIETZSCHE, 2018 p. 39-40).

A seguir, na segunda dissertação, no aforismo 20, Nietzsche pondera acerca da dívida que o indivíduo contrai com a divindade, sendo que no cristianismo, esse encargo é transmutado em culpa. Dessa forma, o filósofo alemão assume que o decrescimento da religião cristã ensinaria a diminuição da sensação de culpa. Ao se desfazer do pecado original, o homem pode adquirir uma segunda inocência, importante avanço na superação do niilismo.

O pensamento de Nietzsche acerca de novos ideais é descrito nos aforismos 24 e 25 da segunda dissertação. O filósofo descreve que sua genealogia tem como objetivo desconstruir e questionar valores em vigor na cultura ocidental, isto é, destruir um templo para viabilizar a construção de outro. Dessarte é essencial equiparar a má-consciência como algo antinatural, que atenta contra a vida. Acrescenta, no entanto, que os sujeitos capazes de operar essa mudança ainda não teriam surgido, pois não seria possível, até então, atingir a grande saúde, sem desistir, no entanto, da transvaloração futura:

Algum dia, porém, num tempo mais forte do que esse presente murcho, inseguro de si mesmo, ele virá, o homem redentor, o homem do grande amor e do grande desprezo, o espírito criador cuja força impulsora afastará

sempre de toda transcendência e toda insignificância, cuja solidão será mal compreendida pelo povo, como se fosse fuga da realidade – quando será apenas a sua imersão, absorção, penetração na realidade, para que, ao retornar à luz do dia, ele possa trazer a redenção dessa realidade: sua redenção da maldição que o ideal existente sobre ela lançou. Esse homem do futuro, que nos salvará não só do ideal vigente, como daquilo que dele forçosamente nasceria, do grande nojo, da vontade de nada, do niilismo, esse toque de sino do meio-dia e da grande decisão, que torna novamente livre a vontade, que devolve à terra sua finalidade e ao homem sua esperança, esse anticristão e antiniilista, esse vencedor de Deus e do nada – *ele tem que vir um dia...* (NIETZSCHE, 2018, p. 78-79).

Na obra *Genealogia da Moral*, Nietzsche se coloca como um propagador do antiniilismo, compromissado com a vida com desejo de potência, além dos conceitos do bem e do mal, reconhecendo a importância da propagação da grande saúde por meio da cultura e opondo-se ao desejo doentio pelo nada que acomete os fracos e ressentidos.

Ao aforismo 14 da terceira dissertação, o pensador introduz os ideais ascéticos, princípios que manifestam o desejo de potência dos malogrados. Ao observar os sujeitos ressentidos, Nietzsche prefere associar-se aos fortes e saudáveis, que anseiam a vitalidade, ao passo que exprime seu receio de que seus iguais sejam acometidos pelo niilismo:

O que é de temer, o que tem efeito mais fatal que qualquer fatalidade, não é o grande temor, mas o grande nojo ao homem; e também a grande compaixão pelo homem. Supondo que esses dois um dia se casassem, inevitavelmente algo de monstruoso viria ao mundo, a "última vontade" do homem, sua vontade do nada, o niilismo. E de fato: muita coisa aponta para isso. [...] Os doentios são o grande perigo do homem: não os maus, não os "animais de rapina". Aqueles já de início desgraçados, vencidos, destruídos - são eles, são os mais fracos, os que mais corroem a vida entre os homens, os que mais perigosamente envenenam e questionam nossa confiança na vida, no homem, em nós (NIETZSCHE, 2018, p. 103).

A transvaloração é novamente mencionada ao aforismo 27, que Nietzsche relaciona à vontade de potência e o niilismo europeu. Ao mesmo axioma, o filósofo demonstra preocupar-se com a superação dos ideais ascéticos no futuro, sob o argumento de que os preceitos não representam o passado ou o futuro, pois o cristianismo padeceu como dogma, mas se manteve como moral, mesmo que inevitável o perecimento da moral através do questionamento da verdade o "grande espetáculo em cem atos reservados para os próximos dois séculos da Europa, o mais terrível, mais discutível e talvez mais auspicioso entre todos os espetáculos" (NIETZSCHE, 2018, p. 138-139).

3.3 AUTOSUPRESSÃO DA MORAL

Conforme Rubira (2005), a transvaloração é o cerne da filosofia descrita na Genealogia da Moral. Ademais, pontua que Nietzsche anteviu alguns fenômenos axiológicos, trazidos por homens que não possuem a consciência contaminada.

Percebendo o processo de desvalorização dos valores supremos no qual ingressou a moral cristã a partir da perda de seu fundamento (na constatação nietzschiana “Deus está morto”), o filósofo preconiza (...) que todos os valores vigentes até agora (isto é, aqueles que se implantaram a partir da ascensão judaico-cristã) devem ser extirpados em sua raiz, de modo a abrirem caminho para a instauração de novos valores. (...) Toda transvaloração opera sempre num âmbito de valores estabelecidos: se a judaico-cristã operou no âmbito de valores nobres, tendo como símbolo máximo “o crucificado”, a transvaloração nietzschiana precisa operar sobre todos os valores que, desde então, se estabeleceram; e seu símbolo é Dioniso (RUBIRA, 2005, p. 115-118).

Já para Paschoal (2009), Nietzsche percebe seu trabalho filosófico como integrante de uma tradição voltada à busca pela verdade, conforme estabelecido previamente por Sócrates, diferenciando-se dos demais ao questionar acerca da crença na verdade pelo dever moral de veracidade em si, in verbis:

Assim, é como um herdeiro e descendente de uma longa tradição e por uma exigência interna da própria moral, por veracidade, que ele se empenha em conduzi-la até suas últimas consequências, e realizar seu desejo mais íntimo: “a autossupressão da moral” (A, Prefácio 4). E isso simplesmente porque a ele não resta outra escolha a não ser ir adiante no próprio caminho do niilismo. (PASCHOAL, 2009, p. 117).

Através de sua filosofia, Nietzsche desempenha um papel de autossupressão da verdade e da moral, sendo essencial à transvaloração dos valores, que viabiliza a desconstrução e ressignificação do que antes era predominante, abrindo espaço para novas perspectivas, principalmente a abnegada valorização da força, vida e potência.

Ao estudar os pensamentos do nosso filósofo, Marton percebe que a tradição e as ações voltadas à manutenção da coletividade são vencedoras no embate contra àqueles que não se submetem ao comportamento de rebanho, e agem individualmente. Acrescenta que os indivíduos submissos vivem em uma falsa ilusão de liberdade, subjugados às normas importadas pelo sacerdote através de seu poder.

Ademais, Marton percebe o caráter limitador da linguagem, pois no âmbito coletivo as interpretações são restritas, isto é:

“Ser verídico” equivale a conformar-se a mentir gregariamente, isto é, a mentir segundo a convenção firme e coercitiva. Ser mentiroso, por sua vez, é não se submeter à convenção estabelecida pelo grupo. (...) Enquanto a mentira exige invenção, a verdade reclama apenas a submissão àquilo que já foi dado. (...) Criada pelos mais fracos, a noção de “verdade” apresenta-se, portanto, como um logro, na medida em que cabe a ela impor uma “realidade” determinada, revelando-a como a única possível. Ela é um logro que visa levar todos os indivíduos a conformarem-se às regras da vida em coletividade. Do exame genealógico da noção de “verdade”, resulta que o seu contexto é o contexto da autoridade (MARTON, 1979, p. 79).

Conquanto a busca pela verdade seja algo genericamente positivo, Nietzsche percebe que a vontade de “verdade” é característica dos fisicamente debilitados, que abandonam o aspecto meramente utilitário da verdade para transformá-la em um objetivo em si.

Assim, pode-se afirmar que esse apego desesperado denota um desejo de simplificar o mundo, proveniente de um medo internalizado, e desempenha um “papel enquanto instrumento de acomodação do mundo a propósitos utilitários, enquanto produtora de ficções e fórmulas simplificadoras da complexidade caótica de impressões que permeiam os seres orgânicos” (ONATE, 1996, p. 09).

A verdade científica se afasta da sensibilidade, independentemente de motivações particulares, instintos e fatores subjetivos, pois é uma busca por estagnação, uma resposta definitiva, sendo possível observar semelhanças ao ideal ascético. A autossupressão leva o indivíduo à vontade de verdade, a buscar o início e fim, e questionar a origem, mas sem olhar para o além-vida. Em outras palavras, a verdade passa a integrar o ateísmo. Dessarte, Giacoia Júnior afirma:

Ao refletir sobre si mesma, a consciência filosófica, animada pela vontade de verdade, descobre uma forma típica de avaliação por detrás, ou no fundamento, da oposição verdadeiro e falso. A veracidade repousa, pois, sobre uma avaliação da verdade lógica como valor absoluto. Ora, a instituição de valores incondicionais constitui a atmosfera vital da moral, razão pela qual é necessário reconhecer que a antítese entre verdadeiro e falso – e com ela, a veracidade científica – tem sua raiz última numa forma de avaliação tipicamente moral (GIACOA JR., 2010, p. 79).

No entanto, a verdade não se apega à vida ou à moral, em virtude disso, os dogmas da ciência e da razão podem operar em favor do ideal ascético ao manter a fé em questões metafísicas e espirituais, o que ocasionou debate no campo

acadêmico, dessarte, é o entendimento de Vilas Bôas:

submetidas à mesma lógica de desvalorização que levou ao abandono na crença no Deus cristão, não tardarão a se degenerar da mesma forma, trazendo como resultado a terrível constatação da radical impossibilidade da existência de qualquer verdade eterna e imutável (VILAS BÔAS, 2009, p. 88).

Para Nietzsche, trata-se de um retrocesso, visto que nada muda, nem mesmo existe qualquer objetivo para mudança:

— O que aconteceu, no fundo? O sentimento da ausência de valor foi alvejado, quando se compreendeu que nem com o conceito “fim”, nem com o conceito “unidade”, nem com o conceito “verdade” se pode interpretar o caráter global da existência. Com isso, nada é alvejado e alcançado; falta a unidade abrangente na pluralidade do acontecer: o caráter da existência não é “verdadeiro”, é falso... não se tem absolutamente mais nenhum fundamento para se persuadir de um verdadeiro mundo... Em suma: as categorias “fim”, “unidade”, “ser”, com as quais tínhamos imposto ao mundo um valor, foram outra vez retiradas por nós — e agora o mundo parece sem valor... (NIETZSCHE *apud* VILAS BÔAS, 2009, p. 88).

Vilas Bôas (2009) entende que a busca pela universalidade e incondicionalidade da moral com base na moralidade, com fulcro na busca pela verdade, o que levou inevitavelmente à autossupressão.

Esta moral é duplamente negadora da vida, pois a nega uma vez ao valorizar a conduta ascética com vistas a uma existência no além (...) e a nega ainda uma outra vez ao valorizar apenas a verdade e rejeitar o erro, o engano, a aparência, os quais não deixam de fazer parte da vida (VILAS BÔAS, 2009, p. 92).

A busca autoconsciente pela verdade leva o indivíduo ao questionamento da moral e inevitavelmente o seu desvalor, o que resulta no niilismo, e na destruição de axiomas milenares. Conquanto seja uma descoberta, esse fenômeno abala os paradigmas conhecidos pelo sujeito.

Paschoal (2009) entende que Nietzsche não se limita a criticar apenas uma moral, e sim promove um movimento de renovação de valores, como engajar-se com uma meta, e não proceder uma destruição incosequente. Conquanto nosso filósofo não se alinhe a quaisquer das morais (considera-se um imoralista), pode-se afirmar que seu pensamento não está vinculado a uma neutralidade niilista, e sim a interpretações do mundo sob a ótica dos instintos:

O primeiro passo na indicação da moral que permeia os escritos de Nietzsche pode ser dado pela análise das virtudes que requisita para seu trabalho crítico. Segundo ele, sua crítica à moral, sua desconfiança e ceticismo diante dos valores morais têm por base uma espécie de exigência moral que se associa a três virtudes básicas: a veracidade, a probidade (honradez) e a responsabilidade (PASCHOAL, 2009, p. 117).

Destarte, estes três atributos se relacionam à possibilidade de evolução do homem, em paralelo com a vida e o desejo de força e potência. A tradição filosófica ansiosa pela verdade, quando ao extremo, obriga o próprio questionamento. Assim, a proibição consiste na obediência à vontade de força, ao passo que a responsabilidade está ligada ao “supremo brilho e potência do homem” (NIETZSCHE, 2018, p. 13).

Nietzsche traça um paralelo entre o cristianismo e o platonismo quanto aos conceitos de “mundo real”, ou “vida verdadeira”, em oposição à uma realidade fabricada, que mal passa de um teste. Ambas doutrinas têm como objetivo impor um conceito centralizador, aplicável à todos os homens, negando sua natureza em prol da “verdade”.

É importante considerar que conquanto a moral escrava não é completamente inválida, a generalização é indesejável, pois pode ser positiva para alguns indivíduos, é incrivelmente prejudicial para outros sujeitos, mormente aqueles que possuem muita vitalidade e potência, pois a moral ressentida se apoia na eliminação dos mais fortes, bem como daqueles que não se adequam ao rebanho.

Uma análise dessa moral como vontade de poder permite ainda compreender que sua tentativa de absolutização não é um perigo para a realidade como vontade de poder (o que seria um absurdo), ou talvez para a vida em geral, mas para um determinado tipo de vida, pois “a exigência de uma moral para todos é nociva justamente para os homens elevados. E é neste sentido que Nietzsche afirma, ‘é imoral dizer: ‘o que é certo para um é certo para outro’”, pois da mesma forma como não seria correto entender a abnegação como uma virtude num homem de comando, no campo da moral, não há uniformidade, mas hierarquias que devem ser estabelecidas a partir da avaliação do valor de cada moral (PASCHOAL, 2009, p. 106).

Destarte, nosso filósofo atenta que a moral ascética, apesar de aparentar fortalecer o homem, acaba por enfraquecê-lo, a fim de amansá-lo, torná-lo dócil e subjugado ao grupo, que desenvolve um laço em virtude da sua fraqueza. Assim, a ovelha deve agir em conformidade com o estabelecido nas escrituras, sendo punido em caso de desobediência.

Trata-se da moral do “sujeito livre”, que tem por pressuposto o “querer livre” e a responsabilidade associada às intenções (...) [para] tal interpretação moral, a única existência possível é aquela monótona, preenchida pela “atividade maquinal” e pelo “cumprimento maquinal do dever” (PASCHOAL, 2009, p. 166).

Nessa dinâmica, a moral é o objetivo, ao invés de apenas um meio para o empoderamento do homem. Em virtude disso, o sujeito reduz suas possibilidades de vida, passando a obedecer em detrimento da criação de algo novo, estagnando-se a uma realidade conformista, já designada por outrem. Esse sujeito passa a alimentar sua culpa, pois acredita estar exercendo o livre arbítrio, enquanto vive atrelado às ordens de terceiros, preso em um corpo adoentado, frágil e manso, jamais atingindo seu potencial de vida.

Nietzsche evidencia que a moral cristã é intrínseca aos seus conterrâneos europeus, responsável por limitar o homem, a doutrina do cristianismo tem a si mesma como fim. Este grande desejo de nada provoca um fenômeno cultural que ensejou a elaboração da obra *Genealogia da Moral*.

Nietzsche percebe a morte de Deus ao observar o ateísmo científico, reportando ao niilismo no tocante a uma desvalorização dos valores como forma de regulamentação, visto que o julgamento divino deixa de existir, o sujeito recorre à ciência, razão ou a um sentimento de grupo (rebanho). Ademais, percebe-se que apesar da fé na divindade ter se enfraquecido, o povo continua por eleger ídolos, que futuramente serão destituídos pelo processo de autossupressão da verdade, sendo a seguir substituídos por outros ícones, que então serão derrubados, caracterizando uma forma imperfeita de niilismo.

É nesse sentido que, ao dizer que há mais ídolos que realidades no mundo, o filósofo já quer oferecer uma indicação de sua interpretação com relação ao seu tempo: a de que nem tudo aquilo que se tomou até hoje como “sagrado”, “verdadeiro”, “confiável” ou “seguro” de fato o seria; a de que as maravilhosas construções lógicas e metafísicas, tomadas até então como verdades certas e indiscutíveis, possuem tanta solidez quanto um punhado de estátuas ocas. A este fenômeno de esfacelamento dos antigos valores o filósofo denomina niilismo e ainda afirma que ele seria “o caráter fundamental, o autêntico problema trágico do nosso mundo moderno”. Apesar do termo niilismo ser empregado com diferentes sentidos ao longo dos seus escritos, todos eles estão relacionados com a desvalorização dos valores, o que mostra que este fenômeno tem sua origem na moral, mais especificamente, em uma moral: a moral cristã (VILAS BÔAS, 2009, p. 75).

Ao enfrentar a incongruência entre a realidade e os dogmas que lhe são apresentados, o homem se vê desconsolado, podendo agir de diferentes formas, de

acordo com sua fundação. Assim, os fracos que precisam de uma razão para a existência, ou uma promessa de felicidade garantida, sofrem de torpor, depressão, apatia e definhamento físico e psicológico, como consequência disso.

Em contrapartida, outros sujeitos podem reagir agressivamente. Nesse caso, o indivíduo se revolta contra seus ídolos vazios. Ademais, uma terceira possibilidade é que o homem se sinta estimulados pela ausência de uma divindade metafísica. Estes indivíduos interpretam como uma oportunidade para criar novos valores e propósitos de vida. Esta é a forma que Nietzsche parece optar quando se vê confrontado com o niilismo.

O niilismo poderia ser desconstruído por uma transvaloração que libertasse a humanidade da necessidade de algum paradigma externo para justificar a existência da vida. Assim, o processo de autossupressão da verdade e da moral explicitaria o niilismo em nossa cultura.

A transvaloração de que se trata aqui opera, portanto, uma inversão em relação a um modelo anterior, que também se constituiu por uma transvaloração de todos os valores; mas uma transvaloração de outra ordem, no contexto da qual “a vida e a sua ascensão para o poder foram inversamente reduzidas à condição de meios (KSA, 12, p. 533ss), num movimento absurdo que colocou como meta da vida a ‘negação da vida’” (KSA, 12, p. 534). A transvaloração que se torna possível e necessária agora é uma ruptura com essa anterior, uma nova forma de interpretar a moral que se torna possível quando uma nova vontade de poder se assenhora desse jogo de forças impondo novas formas e significados neste campo (PASCHOAL, 2009, p. 169).

Para Paschoal (2009), a transvaloração do niilismo refere a um conjunto de valores voltados ao engrandecimento do sujeito, que o impulsionem na direção de novas possibilidades, pois é “uma aceitação plena e incondicional do mundo como ele é, sem a busca de um ‘mundo verdadeiro’, que sirva para corrigir o momento presente, ou de um instante futuro que o compense” (PASCHOAL, 2009).

Destarte, isso não quer dizer que algumas doutrinas morais como a ascética, não servem para todos os tipos de sujeitos “A crítica de Nietzsche à moral não possui, portanto, apenas um sentido negativo, nem mesmo como uma negação da negação, mas ela é condição da afirmação e já, enquanto exercício, uma afirmação” (PASCHOAL, 2009, p. 124). Para isso, o filósofo cria os valores dispostos na obra *Genealogia da Moral* como ferramentas para a superação do niilismo, o que é uma transvaloração por si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudar a moral humana, Nietzsche opta por descrever genealogicamente a evolução dos paradigmas axiológicos e as possíveis causas de transformação dos dogmas morais da sociedade ocidental.

Para isso, analisa os comportamentos dos homens, bem como sua reação aos preceitos de potência e força dos aristocratas em oposição aos ideais de ressentimento e abnegação propagados pelos seguidores da doutrina judaico-cristã.

Assim, o filósofo busca não só a origem da moral, como também tece críticas aos dogmas niilistas. Em virtude do posicionamento que a vida requer um desejo de potência, o genealogista observa os processos que levaram aos rompimentos culturais passados, enquanto conjectura acerca de possíveis transformações futuras.

Nietzsche percebe que a busca pela verdade se instala no sujeito carente de perspectiva, que não consegue viver pelo simples propósito de existir, e necessitam de fatores externos para autoafirmação.

A análise genealógica proposta por Nietzsche percebe o homem como sujeito capaz de criar valores pelo seu próprio julgamento. Para isso, é essencial que a vida figure com vontade de potência, e seja capaz de transgredir a moral proibitiva da felicidade, saúde, criatividade, liberdade e individualidade proposta pela religião. Nesse sentido, o autor sugere o rompimento com os ideais de abnegação em prol de uma vida realizada, com amor próprio e alegria.

Para isso, a presente pesquisa foi dividida em três seções de referencial teórico. No primeiro capítulo, o foco foi a moral e suas consequências para a filosofia nietzschiana, especialmente a moral cristã. Assim, inicialmente definimos genealogia como o estudo da origem ou nascimento de determinado fenômeno, voltado à compreensão do processo histórico que lhe deu início e suas subsequentes mudanças de significação. Para isso, as obras de autores como Deleuze, Sampaio e Foucault foram apreciadas.

A seguir, foram definidos os conceitos de bem e mal, além do processo genealógico que deu origem e modificou estas terminologias. Para Nietzsche (2018), a visão do homem está deturpada, justamente por ele estar cansado de si mesmo. Isto é, há um esgotamento do homem perante o estado doentio em que se encontra.

Dessarte, o niilismo não pode ser percebido como um problema cultural, pois

também atinge o corpo e mente daqueles que o carregam. Assim, Nietzsche propõe que os valores cristãos e a metafísica tradicional envenenaram o homem, que já não pode reagir, e definha aos poucos na prisão niilista invisível.

O niilismo tradicional denota a desvalorização de todos os valores, o, o esvaziamento do sentido da existência. Nietzsche condena a negação do homem a aspectos seus, como os instintos e sentimentos. Para ele, o homem ao fazer isso, nega a própria vida. Para o nosso filósofo é possível ver na história o “bom” fora das ações, mas aqueles que agiam – os nobres. Assim, o autor percebe o aristocrata como aquele possuidor de valor, os “verazes. Eles criam verdades e são contrários aos ensinamentos da metafísica cristã.

Em contrapartida, o modo de vida do escravo é apequenado, eles não podem criar ou fazer qualquer tipo de afirmação. O ressentimento escravo provoca um desequilíbrio que possibilitará os escravos manipularem os valores de “bom” e “mau”, visto que os escravos não se consideram “fracos” e mansos. Em virtude disso, sofrem nas mãos de animais mais cruéis. Neste contexto, inicia a inversão de valores. As “ovelhas” passam a julgar as “aves de rapina”.

Em busca da consolidação do “bem”, o homem passa a estabelecer limitações, reduzindo o “correto” a um seleto número de possibilidades, que caso venha a desobedecer, será castigado. O objetivo de Nietzsche ao estudar a história da moralidade é compreender como a humanidade se transformou numa espécie moral. A crueldade, a força e o egoísmo daqueles que por sua altivez mereciam ser exaltados são agora condenados pela moral concebida pelos escravos. Um exemplo é a moral cristã, que prega a mansidão e vulnerabilidade de seu rebanho.

Nietzsche analisa o sacerdote ascético a fim de realizar como conduz seu rebanho, bem como a lógica maléfica que lhe concede poder. Especificamente, opera como o mestre dos homens do ressentimento, direcionando-lhes a novas perspectivas.

Sabe-se que vida terrestre é material, portanto intrínseca à morte e transitoriedade. Assim, todas as tarefas essenciais à subsistência como alimentação, recreação e sono são discriminadas em relação ao além-vida, que representa a salvação da alma, a vida verdadeira. Dessarte, para que um homem possa adentrar o além, deve se submeter aos escritos bíblicos. Por conseguinte, o indivíduo passa a se maltratar, negar seu prazer e desejos. Nietzsche (2009) compreende essa incongruência como uma “condição doentia” por definição. Em outras palavras,

sacerdote ascético inspira seus seguidores por oferecer uma visão personificada do ressentimento, ele próprio é um modelo da vida fraca, ao mesmo tempo que guia o rebanho, doutrinando de acordo com a palavra de Deus.

O sacerdote ascético guia a inveja do rebanho de volta para o próprio grupo. Especificamente, ele redireciona o impulso do ressentido através da sua loucura e da inversão de valores. Assim sendo, o pastor protege os seguidores das suas próprias vontades, inspira medo mediante sua loucura, e ameaça o rebanho por meio da palavra divina.

No mesmo sentido, força seus seguidores a contemplar a transitoriedade da vida e a injustiça da morte, ao passo que conforta a dor, mediante o conceito de vida após a morte. Ademais, opera redirecionando o ressentimento, ao passo que realoca os pensamentos dos fracos e derrotados ao guiar-lhes de volta a um fim comum: a verdade, o além-vida.

Nietzsche percebe o paradoxo do amor cristão, que consiste em uma paixão que atribui culpa, intoxica e entorpece o ressentido. Em outras palavras, o cristianismo prega amor incondicional, mas também impõe culpa, discriminação e segregação. A agrura do seguidor doente deve ser atribuída a alguém, o que é parte do ofício do clérigo.

Nietzsche demonstra que o povo judaico se opôs contra os poderosos por meios espirituais. Na obra *Genealogia da Moral*, nosso autor realiza que através da transvaloração os sacerdotes judeus disseminaram transformações de cunho moral e cultural. No entanto, acrescenta que pregam o desvalor da vida, bem como observa a transvaloração através da recriminação da potência, alterando valores basais.

O niilismo poderia ser desconstruído por uma transvaloração que libertasse a humanidade da necessidade de algum paradigma externo para justificar a existência da vida. A transvaloração do niilismo refere a valores voltados ao engrandecimento do sujeito, que o impulsionem na direção de novas possibilidades. Para isso, o filósofo cria os valores dispostos na obra *Genealogia da Moral* como meios para a superação do niilismo.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, Vânia Dutra. **A eticidade do costume: a inscrição do social no homem**, in 120 anos de para a genealogia da moral. Orgs. Pascoal, Antonio Edmilson e Frezzatti, Antonio. IJuí: Editora Unijuí, 2008.

_____. **Nietzsche e a dissolução da moral**. São Paulo: discurso editorial: Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Nietzsche**. São Paulo: Edições 70, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

GIACOIA, Oswaldo. A autossupressão como catástrofe da consciência moral. **Estudos Nietzsche**. Curitiba, v. 1, n. 1, p. 73-128, jan./jun. 2010.

_____. **Moralidade e memória: dramas do destino da alma**. 120 anos de Para uma Genealogia da Moral - coleção Nietzsche em perspectiva. Organizadores: Antônio Edmilson Paschoal, Wilson Antônio Frezzatti Jr. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

_____. **O Niilismo e a Lógica da Catástrofe**: Para um diagnóstico nietzscheano da modernidade. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

ITAPARICA, André Luís Mota. **Nietzsche: estilo e moral**. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2002.

MARTON, Scarlet. **Nietzsche: a transvaloração dos valores**. São Paulo: Moderna, 2006.

_____. Por uma genealogia da verdade. **Discurso**. São Paulo, Departamento de Filosofia da FFLCH da USP, v. 9, p. 63-80, 1979.

MELO NETO, João Evangelista. **10 lições sobre Nietzsche**. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. **Ecce Homo**: Como se chega a ser o que se é. Lisboa: Guimarães, 1984.

_____. **Genealogia da Moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. **O Anticristo e Ditirambos de Dionísio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ONATE, Alberto Marcos. Vontade de verdade: uma abordagem genealógica. **Cadernos Nietzsche**. São Paulo, nº 1, p. 07 – 32, 1996.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e a Auto-Superação** da Moral. Ijuí: Ed.Unijuí, 2009.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da Filosofia**. São Paulo: Paulus, 2006. 6 v.

ROCHA, Rodrigo. O sacerdote judeu e a rebelião escrava na moral: uma análise sob o ponto de vista das reflexões de Nietzsche. **Aurora**, Marília, ano III, n. 5, p. 80-89, dez. 2009.

RUBIRA, Luís. **Nietzsche**: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores. São Paulo: Discurso Editorial: Barcarolla, 2010.

_____. Uma introdução à transvaloração de todos os valores na obra de Nietzsche. **Tempo da Ciência**. Cascavel, n. (12) 24, p. 113-122, 2º semestre 2005.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Nietzsche, biografia de uma tragédia**. São Paulo: Geração Editorial, 2005.

TONGEREN, Paul van. **A moral da crítica de Nietzsche à moral**: estudo sobre 'Para além de bem e mal'. Curitiba: Champagnat, 2012.

VILAS BÔAS, João Paulo Simões. Niilismo e vontade de verdade no pensamento de Nietzsche. **Revista Trágica**: Estudos sobre Nietzsche. Curitiba, Vol.2 – nº1, pp.73-93. Curitiba: 1º semestre de 2009.